



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

ELIEL DE AQUINO

**O amor em *Assim Falou Zaratustra*: Uma reflexão sobre a crítica de Nietzsche
ao cristianismo**

BRASÍLIA
2023

ELIEL DE AQUINO

O amor em *Assim Falou Zaratustra*: Uma reflexão sobre a crítica de Nietzsche ao cristianismo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília – UnB como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Doutor Marcos Aurélio Fernandes

BRASÍLIA

2023

ELIEL DE AQUINO

O amor em *Assim Falou Zaratustra*: Uma reflexão sobre a crítica de Nietzsche ao cristianismo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília – UnB como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Brasília, 18 de dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Doutor Marcos Aurélio Fernandes

Prof. Doutor Márcio Gimenes de Paula

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Coleta da Costa Aquino e José Aquino, por continuarem presentes em minha vida (*in memoriam*).

Aos meus queridos avós, Maria da Soledade e Tomás de Aquino, dos quais recebi carinho e aconchego na minha infância e enquanto os tive a meu lado (*in memoriam*).

À minha sogra, Josefa Garcia dos Santos Silva (*in memoriam*) e ao meu sogro João Alexandre da Silva, pessoas especiais, que me ensinaram a enxergar as coisas com simplicidade e naturalidade.

À minha esposa Cássia, por sempre me incentivar e voluntariamente agregar minhas lutas às suas já extenuantes tarefas. Juntos aprendemos que a vida está sempre em construção.

À Ane Pricy e André Julius, meus filhos. Pensando neles posso dizer da vida que ela foi generosa comigo trazendo para junto de mim dois maravilhosos companheiros de viagem.

Ao meu caríssimo Professor Marcos Aurélio, com quem tive a minha primeira aula na UnB e a quem credito inúmeras questões de cunho ontológico que fiz a mim mesmo nos momentos iniciais da minha passagem por esse lindo curso de Filosofia que ora finalizo. Agradeço também ao Professor Marcos Aurélio pela paciência e disposição, e por me conferir a honra de ser o meu orientador nesse Trabalho de Conclusão de Curso.

RESUMO

A proposta da presente monografia é acercar-se de como o amor participa desta obra de Nietzsche. Mas, o que é isso que expressamos com a palavra amor? Seria o desejo que – tal como uma chama – se mantém aceso enquanto não se tem aquilo que se quer (*Eros*) ou, diversamente, seria o prazer por algo que se possui (*Philia*)? Que espécie – ou espécies – de amor se esconde onde ele aparece neste trabalho do filósofo alemão? Mas o escopo aqui não é este. Tendo-se em mente que o amor é um tema presente em *Zaratustra*, o que se quer é saber o que faz esse amor que atravessa todo o texto dessa obra. O que ele concede? Qual seu con-tributo para que o homem – vassalo, submisso, fraco, decadente, menos ainda que tudo a que se refere cada um desses adjetivos, a ponto de causar nojo a Zaratustra – possa ser, ele mesmo, a superação do homem? Nossa incursão pelo tema vai se iniciar com um sobrevoo que nos permita “ver” o cenário da obra numa perspectiva bem geral; a seguir tentaremos dialogar com as ideias de Nietzsche buscando mergulhar nos conceitos trazidos nesta sua obra, ou em outras, a exemplo: além-homem, morte de Deus, eterno retorno, etc. A seguir, iremos retomar ao tema “amor” em *Assim falou Zaratustra* que, como veremos, perpassa esta obra como uma espécie de fio condutor a urdir o tecido da filosofia que o autor cogita transmitir e que, além disso, consegue impregnar o texto, como um todo, de um caráter harmônico inspirador. Por fim, apresentaremos a crítica de Nietzsche ao cristianismo, que pode ser entendida como um grito a irradiar um tom consistente com as suas ideias.

Palavras-chave: Zaratustra. Nietzsche. Amor. Cristianismo. Crítica.

ABSTRACT

The purpose of this monograph is to better understand how love operates in Nietzsche's masterpiece. But, what do we want to express with the word love? Would that be the desire that – like a flame – keeps burning while you don't get what you want (*Eros*) or, on the contrary, would that be the pleasure for something you possess (*Philia*)? What kind of love is it inside of this German philosopher's masterwork? Nonetheless, this is not the main point. Having in mind that love is a theme in *Zarathustra*, what one seeks to find out is what this love does that runs through his work. What does it give? How does it make the human being – servant, dependent, weak, decadent, even less than the meaning of all of those adjectives, at the point of causing disgust in Zarathustra – be, himself, his own enhancement? Our infiltration into the theme starts with an overview of the setting. Subsequently, we try to discuss among Nietzsche's ideas through his work, or in others, such as: *Beyond-Human*, *God is dead*, *Eternal return*, etc. After that, we come back to the topic of "love" in *Thus Spoke Zarathustra* in which, as we are going to see, spread through this work in such a way that flows the philosophy the author wants to address and, beyond that, infiltrates into the text in an inspiring way. Finally, we show Nietzsche's opinion on Christianity, which can be understood as a liberating shout along with his ideas.

Keywords: Zarathustra. Nietzsche. Love. Christianity. Criticism.

O ataque de Nietzsche à moral da compaixão não se origina essencialmente a partir de afetos vingativos, rancorosos e ressentidos. A transvaloração de todos os valores almejada pelo filósofo deve passar necessariamente por um riso profundo e impiedoso contra todos os artigos de fé fabricados por uma moral que passou a dar as cartas do jogo nos mais diversos domínios da civilização. A partir da sabedoria trágica do Zarathustra de Nietzsche, pode-se aprender que a melhor maneira de se fazer frente à desertificação provocada pelo niilismo e toda forma de vingança contra a vida não é através da ira, mas, acima de tudo, através do riso. Esse riso, que chamamos de filosófico e que se destina para além do bem e do mal, é o único capaz de dizer sim com alegria e intensidade ao jogo da vida, entendido como “eterno retorno” e “vontade de poder”. O homem fraco não suporta esse riso, porque não consegue ver graça em um mundo destituído de sentido e finalidade. Por outro lado, o homem forte e nobre consegue rir para além da moral, pois deseja pagar o preço de lançar-se no indeterminado da existência, acolhendo de forma amorosa o caos e o trágico como partes constituintes da vida. Neste sentido, o riso filosófico de Nietzsche é o riso dionisíaco, que não pretende corrigir o devir, nem comporta sobre si qualquer espécie de nojo contra a existência. Enfim, o riso para além do bem e do mal tem como finalidade restituir as potências criativas do homem, conferindo-lhe uma espécie de cura de toda vontade de encontrar a qualquer custo um fundamento metafísico para a vida. (MEDEIROS, 2023, p. 7)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1. O cenário e uma abordagem inicial da obra	9
CAPÍTULO 2. O pensamento de Nietzsche a partir de alguns títulos centrais	15
CAPÍTULO 3. A Obra <i>Assim Falou Zaratustra</i> e seu Personagem Central	27
CAPÍTULO 4. O amor em “ <i>Assim Falou Zaratustra</i> ”	33
CAPÍTULO 5. A crítica de Nietzsche ao cristianismo	42
CONCLUSÃO	50
REFERÊNCIAS	54

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata do amor e o faz tendo em vista buscar esse tema numa obra aparentemente voltada a assuntos mais ásperos, escrita por um autor tido por muitos como controverso – talvez por conta de ser a ele atribuído esse caráter, ser um autor atraente.

Pelo que se diz no parágrafo anterior, fica explícito que o tema “amor” aqui apontado se refere ao que disso se revela em *Assim Falou Zaratustra – um livro para todos e para ninguém*. Fica, então, delimitado o tema a esta obra, o que de pronto evidencia se tratar de um trabalho de pesquisa bibliográfica em que se buscou o aporte em diversos escritos do próprio filósofo, bem como de outros autores.

Como o tema se distribui em *Assim falou Zaratustra*? O autor foca o assunto em uma parte específica deste livro? Ou será que o “amor” se derrama e se espraia tal qual essência aromática do texto mesmo? Fato é que a leitura desta obra de Nietzsche nos surpreende pela grande porção de amor que ela nos traz, como se pretende demonstrar.

Para cumprir o objetivo desse meu trabalho, dividi o conteúdo da pesquisa em cinco capítulos numa sequência que segue de dentro da obra para fora, iniciando com um olhar que se volta para o cenário onde se desenvolve a história que tem em Zaratustra o seu personagem central. A seguir procurarei colocar o leitor em contato com as ideias de Nietzsche e depois – no Capítulo 3 – com o personagem principal da obra, para, então, falar do amor – capítulo essencial desse meu trabalho.

No quinto e último capítulo vamos falar da crítica do filósofo alemão ao cristianismo, para depois, na conclusão, apresentar, com base no que foi exposto, principalmente no Capítulo 4, o que se constatou na obra em análise, de que o amor atravessa essa obra digna de Nietzsche, de modo a nos trazer a mensagem de que o amor faz a vida ser, em constante transcendência.

CAPÍTULO 1

O cenário e uma abordagem inicial da obra

O palco – geograficamente falando – onde se desenrolam as ações de Zaratustra surge entre montanhas, vales, florestas, lagos, ilhas e cidades. Zaratustra é uma espécie de sábio que aos trinta anos de idade decidiu conhecer a solidão, subiu a montanha, lá permanecendo por dez anos, até que, certo dia, persuadido de que deveria descer a montanha, seguiu para a cidade e, dirigindo sua voz ao povo, quis ensinar acerca do além-homem, ou do advento de um novo homem como resposta à necessidade do homem superar-se a si mesmo, elevar-se para além de si mesmo por um processo de transvaloração dos valores.

Mas o que é o homem? “é uma *transição* e um *ocaso*” (NIETZSCHE, 1995, p. 31)¹. Esse homem, um animal racional como define a tradição ocidental, é o espectro a ser superado; ele foi domesticado, deixou-se convencer por verdades impostas a partir de interesses próprios ou de outrem, vivendo envolto em crenças limitadoras, agarrado inflexivelmente aos seus valores, e que assim anestesiado se enche de convicções. É ridículo e fútil! No entanto, à parte isso, carrega em si o traço peculiar de ser o elo de acesso ao além-homem. E o que é o além-homem, ou sobre-homem, essa superação do homem? O termo que Nietzsche usa é *Übermensch* ao qual a tradução não consegue ser fidedigna, haja vista que *Übermensch* não é uma condição a que se chega, acabada, pronta, mas é uma busca no sentido de ir além do homem. Talvez o que nos diz Eduardo M. S. de Oliveira auxilie-nos quanto a um melhor entendimento dessa expressão.

Expressão que sintetiza a definição nietzschiana da busca pelo ultrapassamento do homem e, concomitantemente, por uma nova concepção de valores em sua filosofia. Analisando este conceito, que é introduzido na obra nietzschiana a partir dos escritos de Assim falou Zaratustra, o texto se desenvolve sobre a compreensão do autor de vontade de potência e eterno retorno, e como essa significação é descrita como uma possibilidade, segundo Nietzsche, de superação do homem frente ao niilismo. (OLIVEIRA, 2019, p. 1).

1. Todos os grifos nas citações deste trabalho são do livro.

Também podemos apreciar o termo *Übermensch* trazendo as palavras de Zaratustra a essa discussão quando ele diz: “O homem é uma corda estendida entre o animal e o super-homem” (NIETZSCHE, 1995, p. 31).

Pois bem, Zaratustra seguiu falando ao povo, ensinando-lhes e apontando incompreensões diante de ouvidos moucos, julgamentos superficiais e risos frios.

Ao ver uma nova verdade, depois de um longo sono, extasiado, Zaratustra conversa com seu coração, quando, vigilante, vê seus animais: a águia e a serpente. Vale registrar a imagem usada por Nietzsche ao descrever esse fato: “E eis que viu uma águia voando em amplos círculos no ar e dela pendia uma serpente, não como presa, mas como amiga, pois segurava-se enrolada em seu pescoço” (NIETZSCHE, 1995, p. 40) e aqui se tem uma pequena mostra de que ler *Assim Falou Zaratustra* é como percorrer caminhos pantanosos. A leitura requer que se cuide em suprir a necessidade de buscar o equilíbrio na interpretação de narrativas enigmáticas e próximas de elementos místicos, combinando metáforas e leituras poéticas.

Observemos na própria narrativa de Nietzsche que a águia perfaz sua trajetória em grandes círculos e, segundo a imagem que o autor nos traz, havia uma serpente enroscada ao pescoço da águia – círculo e anel. A águia e a serpente se juntam em um voo: “O animal mais altivo debaixo do sol e o animal mais prudente debaixo do sol – saíram em exploração”. Altivez e prudência, como segue ensinando o filósofo: “E se, algum dia, a minha prudência me abandonar [...] possa a minha altivez, então, voar ainda em companhia da minha loucura!” (NIETZSCHE, 1995, p. 41). Avançando na leitura, em “O convaléscente”, os animais de Zaratustra assim se expressam:

Ó Zaratustra [...] para os que pensam como nós, as próprias coisas dançam: vêm e dão-se a mão e riem e fogem – e voltam. Tudo vai, tudo volta; eternamente gira a roda do ser. Tudo morre, tudo refloresce, eternamente transcorre o ano do ser. Tudo se desfaz, tudo é refeito; eternamente constrói-se a mesma casa do ser. Tudo separa-se, tudo volta a encontrar-se; eternamente fiel a si mesmo permanece o anel do ser [...] Curvo é o caminho da eternidade (NIETZSCHE, 1995, p. 224).

Os animais de Zaratustra – a águia e a serpente – sabem que ele é o mestre do eterno retorno. Interessante retomar à imagem trazida pelo filósofo. Como dissemos, a águia move-se desenhando um círculo que se abre no céu: um amplo círculo – esse é seu *habitat* – assim, e aí, vive e domina o seu mundo. “O girar em

círculos é uma imagem sensível do eterno retorno – mas ele é aqui um girar em círculos que ganha as alturas e se mantém no alto” (HEIDEGGER, 2010, p. 231).

Na sequência ao “Prólogo de Zaratustra” vem “Os Discursos de Zaratustra”, um longo e profundo sermão que conclui a primeira parte do livro. Zaratustra inicia “Os Discursos” falando das três metamorfoses ou de “como o espírito se torna camelo e o camelo, leão e o leão, por fim, criança” (NIETZSCHE, 1995, p. 43). Essa sequência apresentada metaforicamente – e as representações dão o seu significado – representa o processo de superação do homem. É esquemático, segue um plano ascendente como aquele que vai do homem ao último homem e deste ao super-homem.

Nos seus “Discursos”, Zaratustra segue adicionando signos diversos: além do camelo, o leão e a criança, vê-se o dragão com escamas, o deserto, a cidade chamada A Vaca Pintalgada, a águia e a serpente já citados, e mais à frente a árvore no monte, os guerreiros, os soldados, a víbora, etc. O que, mais uma vez, confere à obra o caráter ambíguo e encharcado a que me referi anteriormente.

Acrescente-se que em diversos momentos da obra nos deparamos com relatos extraordinários, a exemplo – na terceira parte – da visão de um jovem pastor que se contorcia com uma cobra a morder-lhe a garganta enquanto se dependurava de sua boca. E o título dado a esse relato é: “Da Visão e do Enigma”, o que nos indica uma linguagem escolhida pelo autor para ser tal como é: provocativa, com potencial para estimular uma ideia ou propor um caminho incomum ainda a se abrir diante dos olhos do caminhante que há de se transformar ao iniciar e avançar em seu percurso.

Mas, voltando à primeira parte do livro, ainda que desejando continuar mirando na sequência da leitura, há uma fala emblemática, que seguramente podemos dizer fantasmagórica de Zaratustra: “*Mortos estão todos os deuses; agora queremos que o super-homem viva!*” – Que isto brilhe, algum dia, no grande meio-dia da nossa última vontade!” (NIETZSCHE, 1995, p. 93). Ora, se algo tão letal aconteceu para que os deuses – todos! – estivessem mortos, o que se segue é de uma dignidade imensurável, dada a supremacia desses mortos: “*Que o super-homem viva!*” Precisamos ouvir o eco dessas palavras, o reverberar de um imperativo, um édito que radicaliza, provoca nova ordem das coisas no mundo! Os deuses morreram e agora

se evoca o advento do além-homem. Haveremos, nós os homens, de nos elevar ao ponto mais alto.

Depois disso Zaratustra¹ volta para a montanha e passam-se os anos.

Na segunda parte do livro o sábio segue com seus sermões da montanha, aqui e ali reúne-se com seus seguidores. Desapareceu causando angústia e apreensão nos seus discípulos após ser visto indo para o inferno – que era como chamavam certa ilha do fogo, até aparecer a seus discípulos, trazendo-lhes alívio: “Zaratustra apareceu entre eles” (NIETZSCHE, 1995, p. 142), frase que lembra o aparecimento de Jesus a seus discípulos, após a ressurreição na narrativa bíblica, isto posto para sublinhar que, preliminarmente, não se tem essa correspondência entre os Evangelhos e o livro de Nietzsche que ora examinamos.

Mas é verdade que se vê certas estruturas de frases dos livros bíblicos que seguem muito similar em *Zaratustra*². “Em verdade vos digo”, por exemplo, é um jargão dos evangelhos que encontra citações adjacentes em *Zaratustra* como podemos citar “‘Em verdade’, disse aos discípulos, ‘pouco falta, e chegará esse longo crepúsculo [...]’”. Em outro ponto: “Não furtarás! Não matarás! – essas palavras, outrora, diziam-se sagradas; diante delas, dobravam-se os joelhos e a cabeça e tiravam-se os calçados”. (NIETZSCHE, 1995, p. 208).

Do mesmo modo que chama atenção as questões da correspondência de linguagem, também aparentemente isto é observado com relação ao conteúdo entre o Novo Testamento e esta fala de Zaratustra: “Meus irmãos, eu não vos aconselho o amor do próximo: aconselho-vos o amor do distante” (NIETZSCHE, 1995, p. 77) e isso é recorrente no livro: “Amai, pois não, o vosso próximo como a vós mesmos – mas sede, antes, daqueles que se *amam a si mesmos*” (NIETZSCHE, 1995, p. 179). Evidentemente, pode-se presumir que o conteúdo tem algo de oposição, e soa irônico.

Palavras como compaixão, perdão, amor, rebanho, etc. são expressas em frases com estrutura semelhante à da Bíblia, no entanto observa-se que, quase sempre, manifestam ironia ou crítica às mensagens bíblicas, mais especificamente ao Novo Testamento. Talvez por conta dessa aproximação à linguagem dos evangelhos,

1. Zaratustra, escrita normal, se refere ao personagem da obra “*Assim Falou Zaratustra*”.

2. *Zaratustra*, em itálico se refere ao título da obra “*Assim Falou Zaratustra*”.

Nietzsche teria dito ao seu editor que *Zaratustra* se tratava do quinto evangelho.

Zaratustra continua na terceira parte da obra falando de si para consigo mesmo e também rindo de si depois de seguir para a ilha, subir o monte e recordar de sua juventude, desde quando começou suas peregrinações. Fala aos tripulantes do navio onde embarcou e, após desembarcar, continua com suas lições e sermões. Tempos depois, voltou à sua caverna.

Prosseguiu dizendo sua mensagem até que certo dia caiu, ficando prostrado por alguns dias, desvalido, sem forças. Ao cabo de sete dias ergue-se e, à cobra e à águia, seus animais, dirige suas palavras. Zaratustra, então, continua com seus conselhos.

A terceira parte se conclui com uma sequência de poesias e cânticos, onde o refrão é: “Pois eu te amo, ó eternidade!”.

E se inicia a quarta e última parte do livro com Zaratustra de cabelos brancos, porém sem qualquer preocupação com os anos que se lhe acumularam. Conversa com seus animais e estes, durante a conversa, desejam saber se Zaratustra não gostaria de subir algum monte. O sábio responde positivamente. Então Zaratustra e seus animais subiram a montanha. Porém, chegando ao cume do monte ele quis ficar a sós, fazendo com que os animais o deixassem. E o sábio, solitário, do alto do monte profere seu discurso.

No outro dia Zaratustra já estava de volta à sua caverna. Daí para adiante, eis o sábio descendo o monte, passando por matas e pântanos, desviando-se de rochedos, percorrendo caminhos, indo a florestas e montes e “continuou a caminhar, ora subindo, ora descendo, ora passando por verdes pastos, ora também, porém, por selvagens e pedregosos barrancos, onde um dia, algum córrego impaciente fizera seu leito” (NIETZSCHE, 1995, p. 270) e nesse movimento ele se expressa, às vezes com ternura, num golpe direto da palavra afiada feito bisturi ou com alegorias, aqui atravessado pelo medo, ali em fúria avassaladora, “com trovões e celestes fogos de vista deve falar-se aos sentidos langués e adormecidos. Mas a voz da beleza fala baixinho; insinua-se apenas nas almas mais despertas” (NIETZSCHE, 1995, p. 107).

Importante ressaltar que nessa obra de Nietzsche estão presentes os conceitos de vontade de poder, eterno retorno, morte de Deus, o além-do-homem.

O livro se encaminha para o desfecho final com cantos de alegria e com Zaratustra conclamando os homens a cantar: “Cantai, ó homens superiores, a cantiga de roda de Zaratustra!” (NIETZSCHE, 1995, p. 325). E fecha com Zaratustra dizendo as seguintes palavras: “*Esta é a minha manhã, o meu dia raiou; sobe, agora, sobe no céu, ó grande meio dia!*”

CAPÍTULO 2

O pensamento de Nietzsche a partir de alguns títulos centrais

Ao manifestar seu pensamento e mostrar mais profundamente suas ideias e até mesmo virar do avesso modos e sistemas estereotipados, Nietzsche desenvolveu novos conceitos e acomodou em sua filosofia alguns já existentes.

Em suas obras vamos encontrar diversas definições que, para além da construção do seu pensamento, configura um vínculo dos seus escritos como um todo harmônico, coerente com a estrutura que, já em sua juventude, era delineada.

Desde o início o filósofo pressentia a magnitude da tarefa excepcional que se lhe apresentava no horizonte, na vanguarda, tarefa que, querendo defini-la em uma só palavra que pudesse ser aplicada em sua literalidade no contexto epocal de sua missão, poderia ser chamada de “assombrosa”.

Nietzsche seguiu na construção da sua filosofia, desconstruindo bases consolidadas, derrubando ídolos que ao longo da história sedimentaram valores caros para a mente e a alma dos homens, questionando verdades garantidoras de crenças e convicções convencionais.

Mas quero aqui valer-me de certa distância e, a partir desse afastamento, procurar ver a paisagem onde o filósofo alemão se coloca para fazer sua leitura do mundo. Nota-se que ele dirige seu olhar, de forma objetiva, para um ponto: sua crítica incisiva à razão ocidental, trazendo o niilismo europeu como fator significativo e estruturante da história do ocidente. Observando neste ponto que “a ferramenta com a qual Nietzsche filosofa é um instrumento para o pensar, é uma metodologia filosófica; em outras palavras, o martelo é utilizado para levar a bom termo a proposta nietzschiana de 1888: transvalorar todos os valores” (MATILDE, 2013, p. 51)

Contudo, para além da crítica, Nietzsche propõe saídas, aponta alternativas, ventila movimentos para um mundo afeiçoado a convicções. Onde o vazio se enche de escuridão ele vê uma luz e dá gargalhadas, solta o seu riso, um “riso profundo e impiedoso contra todos os artigos de fé fabricados por uma moral que passou a dar as cartas do jogo nos mais diversos domínios da civilização”, conforme Medeiros (2023, p. 7), referindo-se ao riso filosófico de Nietzsche, que queremos ver reverberar para além do bem e do mal.

Assim delineada a nossa caminhada em busca de aproximarmos-nos, um pouco que seja, do pensamento de Nietzsche, sigamos no encalço do seu pensamento.

1. Niilismo e Eversão de todos os valores

O termo *niilismo* surge numa carta de Friedrich Heinrich Jacobi (1743-1819) para Johann Gottlieb Fichte (1762-1814), quando escreve:

“Verdadeiramente, meu caro Fichte, não deve me aborrecer se o senhor, ou quem quer que seja, quiser denominar *quimerismo* aquilo que contrapõe ao idealismo, que deploro como *niilismo*...” (Fr. H. Jacobi, 3 v., Leipzig, 1816, p.44; a partir da seção Jacobi para Fichte, surgida pela primeira vez no outono de 1799) (HEIDEGGER, 2007, p. 21).

Segundo expressão atribuída aos epicuristas: "*ex nihilo, nihil*", ou seja, "do nada, nada". Saliendo que a palavra "niilismo" tem sua origem no termo latino *nihil*, traduzido por "nada" para o vernáculo. Entretanto, o conceito de niilismo se diversifica na filosofia, na medida em que, no encalço da verdade, vai questionar os alicerces do edifício erguido historicamente, desde a antiga Grécia. "A verdade, contudo, precisa ser respectivamente determinada de maneira nova" (HEIDEGGER, 2007, p. 69), o que vai pleitear, ainda nas palavras de Heidegger, uma "vontade de verdade".

Por meio da "análise" já se desperta a suspeita de que a "vontade de verdade" enquanto a requisição por algo válido e normativo é uma requisição de *poder* e de que ela só se justifica como tal por meio da vontade de poder e como uma figura da vontade de poder. O estado intermediário caracterizado é o "niilismo extremo" que reconhece e expõe expressamente o fato de não haver nenhuma verdade em si (HEIDEGGER, 2007, p. 69).

Ao fundamentar-se em seus valores transcendentais, o homem se compara a um naufrago solitário em uma ilha, desconsolado depois de deixar-se confundir pelos sentidos, e até pela expectativa e a certeza – incerteza, na verdade – como quem vê surgir um navio no horizonte distante e, em sua enganosa visão, considera que aquela imagem esplendorosa e cintilante poderia lhe garantir a materialização da esperança que acolhe confortavelmente em seu peito, no entanto, ao fim e ao cabo, o que se segue é a constatação de que tudo o que viu não passava de mera abstração. Mas o que é o homem, esse "Ser-aí-no-mundo" (*Dasein*, na filosofia de Heidegger), "jogado" no mundo para viver sua existência?

Fica explícita a frustração do náufrago na pequena narrativa do parágrafo anterior. Sua esperança repetidamente contrariada acaba por se transformar numa descrença cada vez mais circundante, como o ar seco que, soprando impiedosamente, espalha a aridez.

Surge então a fatídica pergunta: qual é o sentido da vida? Acrescente-se: Para o quê vive o homem? Diante de questões como estas e numa visão niilista, se poderia responder: *Nihil*, nenhum e nada: Não há sentido e para nada vive o homem.

É possível enxergar uma saída? Como nos diz Nietzsche,

O cristianismo, em especial, pode ser considerado um grande tesouro dos mais engenhosos meios de consolo, pelo tanto de aliviador, mitigador, narcotizante que há nele acumulado, pelo tanto de perigoso e temerário que arriscou para esse fim, pelo modo sutil, refinado, meridional-refinado com que intuiu sobretudo os afetos estimulantes com que pode ser vencida a funda depressão, o cansaço de chumbo, a negra tristeza dos fisiologicamente travados. Pois falando em termos gerais: em todas as grandes religiões, a questão principal sempre foi combater uma certa exaustão e gravidade tornada epidemia (NIETZSCHE apud COUTRO, 2023, p. 10).

Mas, “o que significa niilismo?” é o que Nietzsche pergunta e responde: “Que os valores supremos se desvalorizam” (NIETZSCHE apud HARADA, 2008, p. 3). É desde a perspectiva do nada que o niilista refuta o bem, opõe-se à verdade e nega a beleza.

Na filosofia de Nietzsche é possível convergir essa discussão para a afirmação “Deus está morto”. Ora, a morte de Deus está ligada ao niilismo europeu e esta expressão “niilismo europeu” pode ser entendida por uma concepção que admite um movimento que vai deslizando com o tempo sobre um pano de fundo onde se processa a história desde priscas eras na Grécia até a Europa contemporânea. Niilismo europeu é, assim, um processo que se iniciou com os gregos na antiguidade e que vem se arrastando e se alimentando – desde então – dos desígnios, da natureza da alma europeia.

Uma das fórmulas essenciais para a caracterização do acontecimento do niilismo diz: “Deus está morto”. A sentença “Deus está morto” não é nenhum princípio doutrinário ateu, mas a fórmula para a experiência fundamental de um acontecimento da história ocidental (HEIDEGGER, 2010, p. 143).

Neste ponto, busquemos o mundo das ideias de Platão; o mundo, supracensível que tem prevalência sobre o mundo sensível. Para que melhor possamos fazer uma leitura atualizada do platonismo, vejamos o que nos diz Heidegger.

Aqui se mostra uma nova interpretação do platonismo. Ela decorre da experiência fundamental do fato do niilismo e vê nele o fundamento inicial e determinante para a possibilidade da emergência do niilismo, do dizer-não à vida. O cristianismo não é, para Nietzsche, nada além de "platonismo para o povo"; e, uma vez que ele é platonismo, nada além de niilismo. Com o aceno para a tomada de posição nietzschiana contra a tendência niilista do cristianismo não se esgota, porém, sua posição conjunta em relação a esse fenômeno histórico (HEIDEGGER, 2010, p. 145).

Heidegger faz referência ao niilismo cristão estruturado na experiência religiosa do cristianismo que nega o mundo presente – mundo sensível – propondo uma vida pós-mortal no paraíso – mundo supracensível. Há aqui uma inclinação a idealizar uma promessa de vida futura no mundo supracensível ao passo que, em contraposição, despreza-se o mundo sensível. “Todavia, essa difamação da vida criativa tem uma vez mais seu fundamento no fato de se ter colocado acima da vida algo que tornou a negação da vida desejável” (HEIDEGGER, 2010, p. 145).

Trata-se, com isso, de lembrar o que Nietzsche compreende por niilismo e qual é o único sentido para a utilização desse termo como um título histórico-filosófico. Com o termo niilismo, Nietzsche tem em vista o fato histórico, isto é, o acontecimento da desvalorização dos valores supremos, da aniquilação de todas as metas e da colisão de todos os juízos de valor (HEIDEGGER, 2010, p. 142).

Se Nietzsche cuidou em refletir sobre o que é niilismo e o definiu segundo os contextos filosófico e histórico, por sua vez, Deleuze preocupou-se em categorizar esse conceito, quais sejam:

- Niilismo Negativo, para o qual se direcionam as religiões visto que esse tipo de niilismo nega, rejeita o mundo sensível enquanto concebe o supracensível como ideal almejado.
- Niilismo Reativo, o mundo em que se vive – o mundo sensível – não corresponde ao ideal, é imperfeito. O niilista reage a esse mundo e isto acaba por provocar a morte de Deus. Não há um mundo supracensível,

mas poderemos criar um mundo melhor aqui mesmo com leis mais justas. Temos a ciência que responderá às necessidades dos homens.

- Nilismo Passivo, “Deus está morto! Nós o matamos”. A vontade de potência se perdeu no niilismo. Não é mais possível um mundo onde se possa viver de forma ideal. Resta ao homem conservar o mundo sem sentido em que vive.
- Nilismo Ativo, aqui o niilismo supera a si mesmo e um novo niilismo surge ativo; as questões não se calam indicando que o novo abre uma nova perspectiva: O que vem depois do último homem? O que há além do homem? A vida quer se alargar para se propagar.

Zaratustra percebe essa ânsia por resposta e se expressa com uma linguagem enigmática:

Isso falara Zaratustra ao seu coração, quando o sol nascia; volveu, então, para o alto um olhar indagador, pois ouvia sobre sua cabeça o grito agudo da águia. "Muito bem!", exclamou para cima, "isso me agrada e me é devido. Os meus animais estão acordados, pois eu estou acordado. A minha águia está acordada e, como eu, presta homenagem ao sol. Estende suas aduncas garras de águia para a nova luz. Sois os animais certos para mim; eu vos amo. (NIETZSCHE, 1995, p. 326).

Os valores sedimentados, ordenados, hierarquizados conforme estabelecido por um sistema utilitário e pragmático parece ser coerente com o modo de conservação-escalação. Porém, para que se possa, de fato proclamar a vida, faz-se necessário que o ser seja afetado de um novo sentido, o que só prospera com a eversão de todos os valores.

Não se espere que apenas mudando a orientação dos valores hierarquizados se faça a indispensável eversão. É necessário esforçar-se por revolucionar e isso significa ter uma verdadeira estratégia de valorar.

Eversão significa estabelecer uma mudança total, não somente nos valores, mas sobretudo no ser da estrutura que aparece como o escalonamento do “sistema” de dois mundos. Isto significa revolver, revolucionar a totalidade da valência para colocar tudo novo, desde a raiz, buscar um novo princípio da própria valoração, fundar um novo céu e uma nova terra”, onde o “céu” e a “terra” não são mais dois reinos hierarquizados como metafísicos, mas como uma inteiramente nova pátria da Terra dos homens, a qual Nietzsche dá o nome de Terra, Vida, Corpo. Somente quando se der essa *eversão* e a

fundação da nova ordem da afirmação da Terra, da Vida, o nihilismo chega à sua consumação e se torna completo. Temos então o que Nietzsche chama de nihilismo clássico, o nihilismo europeu (HARADA, 2021, p. 4).

A transvaloração de todos os valores se dará desde quando tiver lugar o esfacelamento dos valores até então enraizados, marcados como valores constituídos. O niilismo é a transição entre um momento e outro “se concebermos de antemão o niilismo no sentido de Nietzsche como história, isto é, ao mesmo tempo positivamente como estágio prévio a uma “nova” instauração de valores” (HEIDEGGER, 2007, p. 65).

Heidegger faz-nos conhecer a relação entre a transvalorização de todos os valores e o niilismo quando traz duas informações sobre a essência deste último:

1. Pensado a partir de Nietzsche, o niilismo é a história de desvalorização dos valores supremos até aqui enquanto passagem para uma transvaloração de todos os valores. Essa transvaloração consiste, por sua vez, na descoberta do princípio de uma nova instauração de valores, um princípio que Nietzsche reconhece como a vontade de poder. 2. Essa essência do niilismo é concebida por Nietzsche unicamente a partir do pensamento valorativo, e é só com essa forma que ela se torna objeto de crítica e de tentativa de superação. Mas, como a instauração de valores tem o seu princípio na vontade de poder, a superação do niilismo desenvolve-se por meio de sua consumação no niilismo clássico e se torna uma interpretação do ente na totalidade como vontade de poder. A nova instauração de valores é metafísica da vontade de poder (HEIDEGGER, 2007, p. 66).

Deus está morto e o trono onde ele se assentava está vazio, entretanto “se tenta sempre de novo reentronizar os substitutos do Deus cristão como por exemplo o Estado, a Consciência, a Sociedade, a Razão, a Humanidade, o Progresso, o Mundo Melhor e toda a sorte de diferentes-ismos” (HARADA, 2021, p. 4). Essa constante investida – de novo e de novo – é o que Nietzsche chama de niilismo incompleto.

O que acontece aqui? O niilismo não é manifestamente nenhuma mera decadência furtiva dos valores em algum lugar subsistentes em si. Ele é uma destituição dos valores por meio de nós que dispomos de seu posicionamento. Todavia, Nietzsche tem em vista com o “nós” o homem da história ocidental. Ele não quer dizer que os mesmos homens que inseriram os valores também são aqueles que os retiraram uma vez mais, mas que aqueles que inserem e retiram são os homens da mesma e única história do Ocidente. Nós mesmos, os homens atuais de seu tempo, estamos entre aqueles que retiraram uma vez mais aqueles valores outrora inseridos. A destituição dos valores supremos até aqui não emerge de uma mera busca de uma destruição cega e de uma vã renovação. Ela emerge de uma penúria e de uma necessidade de dar ao mundo o sentido que não o degrada a uma mera passagem para um além. É preciso surgir um mundo que torne possível aquele homem que desdobra a sua essência a partir de sua própria plenitude valorativa. Para tanto, contudo, carece-se de uma transição, da travessia de

uma conjuntura na qual o mundo parece desprovido de valor, mas que exige ao mesmo tempo um novo valor. A travessia do estado intermediário precisa perceber esse estado como tal da maneira mais consciente possível: para isso é necessário reconhecer a proveniência desse estado intermediário e trazer à luz a causa primeira do niilismo. É somente a partir dessa consciência do estado intermediário que emerge a vontade decisiva de sua superação (HEIDEGGER, 2007, p. 58-59).

Se o devir expressa a noção de que tudo segue em permanente transformação, na esteira desse tornar-se sem interrupção segue o niilismo clássico fazendo a história ocidental mover-se.

2. Deus está morto

Em uma perspectiva histórica podemos facilmente perceber que existe um deslocamento da centralidade da crença em Deus. Ao mesmo tempo, é possível notar que o lugar onde Deus estava tende a ser preenchido por um modo secular de ver o mundo, substituindo a antiga crença de que tudo é obra de Deus. A propósito, a ciência e a tecnologia decorrentes da inteligência humana, nascidas do cadinho onde se acrisolaram os fundamentos do conhecimento científico, conseguiram estabelecer uma relação cada vez menos hostil entre o homem e o mundo, por conta dessa relação mesma, estabelecida pelo homem que, por seus próprios esforços passou a desfrutar da sua existência e se ver cada vez mais confortável com a ideia de que lhe era mais promissor ter o domínio da técnica – que lhe garantisse o domínio da natureza em sua imprevisibilidade – do que manter a velha crença em um Deus provedor, distante no céu.

Se no passado a vida se organizava em torno da noção de que Deus se fazia presente cuidando da existência humana, que Deus se preocupava com o homem, e que tudo o que porventura se desenrolasse numa perspectiva histórica pessoal naturalmente se tratava da ação, vontade e providência divina; a partir do avanço tecnológico e da ciência um novo paradigma tornou possível ao próprio homem, e não a Deus, agir sobre a realidade. Agora cabe ao homem, e não a Deus, interpretar o mundo e o universo e manejar a própria realidade, transformando-se em um ser capaz inclusive de prever os processos naturais e poder antecipar o enfrentamento adequado diante das vicissitudes da vida.

Nessa perspectiva histórica, cabe-nos perguntar onde Deus está agora. Talvez – tomados de espanto – a resposta seja pungente e decisiva: Deus está morto!

Deus está morto e é possível anunciar sua morte na esteira de um novo paradigma que encerra “um determinado sentido fundamental do ser que lança e abre uma possibilidade epocal da compreensão dos entes no seu todo” (HARADA, 2008, p. 1). A morte de Deus também significa o declínio do sagrado junto com os efeitos dessa decadência na divindade, nas religiões e na fé, não apenas com relação ao cristianismo, mas do mesmo modo nas demais formas de devoção, obviamente não estabelecendo aí o fim das manifestações do sentimento religioso, como podemos ver: “Não resta dúvida de que Nietzsche considera mortal a objeção levantada contra o Deus cristão – mas disso não se conclui que, em vista dessa argumentação, o Cristianismo, juntamente com seu Deus cristão, desista de existir” (PENZO, 1981, p. 93), certamente, porém, após o fato radical da “morte de Deus” se instaurou uma nova era com seus métodos, conceitos, linguagens, pensamentos, questionamentos e soluções, reformulados para o novo tempo que chegou.

Deus está morto e não o vemos mais onde costumávamos encontrá-lo. Isso nos causa assombro! Agora olhamos para o mundo com os nossos próprios olhos, sem máscara, sem filtro, sem proteção. É verdade que nos causa estranheza esse contato direto com o desconhecido ainda que isso também nos abre uma porta que nos vincula às coisas do mundo. No entanto,

O mundo não tem fundamento, o mundo não tem fim; não tem meta, não tem sentido. Daí o sentir de que o mundo carece de valor. Além disso, a derrocada (*Einsturz*) do presumido “mundo verdadeiro”, que é o além-mundo do supracotado, faz surgir a perplexidade (*Ratlosigkeit*) dentro do unicamente real. (HEIDEGGER apud FERNANDES 2023, p. 191).

Aparentemente não existe alternativa ao niilismo. Segundo Norbert Schiffrers em seu artigo “‘Deus está Morto’ – Análise de uma expressão de Nietzsche”, Friedrich Nietzsche usa a expressão “semi-niilismo”, “já porque para Nietzsche o niilismo total é sinal de decadência cultural”. Schiffrers, usando expressões do filósofo alemão, levanta a questão: “Com que nos consolaremos’?” E continua: “Se não é pela simples constatação da ‘morte de Deus’ nem pela posição consequente do semi-niilismo – de que modo então?” (PENZO, 1981, p. 83).

3. Vontade de poder

Heráclito, que nasceu por volta de 540 a.C. dizia que o mundo está em contínuo “*devir*” – vir-a-ser. Tudo o que existe se modifica, está sempre em transformação.

Entendendo essa transformação como um movimento de renovação constante, podemos representá-la por uma curva aberta, cujo traçado se faz com voltas que se movem sempre para cima em forma de espiral, ou seja, cada volta se faz de forma ascendente em torno de um ponto central. Nietzsche se refere a esse movimento da natureza – antes, assinalando a relação aqui existente com a imagem da águia com a serpente – com o substantivo composto *conservação-escalação* significando um determinado momento resultante – como expressa o substantivo – da conservação e da escalação. Vejamos separadamente:

Conservação: aqui a ação de conservar. Conservar-se é manter-se, é ater-se de corpo e alma ao próprio de si, é guardar intata, originalmente, a vitalidade e o frescor da dinâmica de si mesmo. É a *Erhaltung*. *Escalação*: escalar é subir passo a passo de degrau em degrau. É ação, a dinâmica que cria o escalonamento, mas aqui não um escalonamento de degraus fixos, um após o outro num movimento unidimensional linear, mas sim na ordenação da dinâmica da *potencialização do crescimento, do aumento do poder, como a escalação de força, como a dinâmica da auto-indução no crescimento*. É a *Übersteigung*, a transcendência. (HARADA, 2008, p. 5).

Eis a vida que transcende e em seu movimento de querer viver sempre mais e continuamente, potencializa-se, enriquecendo-se em maior quantidade e perspectiva de vida.

Nesse querer potencializar se enche permanentemente de vigor e robustez. A vida nutre-se a si mesma de si mesma, ergue-se e se eleva: a vida transcende, a vida é vontade de poder, que é, nas palavras a seguir:

Essa dinâmica do querer como aumento da cordialidade de ser a partir de si na doação livre de si a si mesmo é o contínuo e crescente vir a si como crescimento. É tornar-se cada vez mais presente a si mesmo. Esse aumento de si mesmo como a vitalidade da auto cordialidade é o que caracteriza o poder. Assim, o novo sentido do ser que satisfaz à exigência e à necessidade da absoluta afirmação da vida, isto é, o princípio de uma nova valorização, se chama a vontade de poder. (HARADA, 2008, p. 6).

Com esse e outros conceitos aqui em exame, Nietzsche pensa o mundo e nos transmite sua cosmovisão.

Durante muito tempo Nietzsche procurou desenvolver uma como que física mecanicista de inspiração newtoniana. Desse período conservou a ideia de um mundo – físico e biológico – composto de um conjunto de forças, mas tentou superar esse materialismo que culminaria, de fato, em niilismo e resignação. Para ele, o mundo é um conjunto de forças finitas. Somente a vontade de poder surge como princípio absoluto, que permite transmutar os

valores e criar novos. Tanto do ponto de vista da psicologia humana como do cosmo, a vontade de poder é um princípio de intensidade, de impulso ou de movimento, de “pathos da distância”, uma espécie de espontaneidade absoluta. Aqui Nietzsche parece dar lugar a um Deus que não seria um Deus moral, que desvaloriza o devir, mas um Deus de poder que se insere no devir para lhe dar impulso – Deus como momento culminante, “a existência como eterna divinização e desdivinização. Mas nisso nada de um vértice de valor”, “Deus como o maior poder” – escrevia Nietzsche em 1888. (LAURET, 1981, p. 120-121).

Nietzsche abre o título “Do superar a si mesmo” na segunda parte do livro *Assim Falou Zaratustra*, onde nos diz do povo com sua “vontade de conhecer a verdade”, vontade “de que todo o existente possa ser pensado”, etc. Naturalmente isso está no bojo de impulsos psicológicos. Por outro lado, e tendo em mente os estudos de Darwin, podemos dizer que estamos marcados por uma profunda vontade de permanecer na existência quando, dirigidos por um fenômeno da natureza, somos induzidos a uma adaptação biológica seletiva. Zaratustra diz: “Onde encontrei vida, encontrei vontade de poder” (NIETZSCHE, 1995, p. 127) associando vontade de poder a dimensões biológicas e psicológicas. “Colocastes a vossa vontade e os vossos valores no rio do devir [...] vontade de poder – a inesgotável e geradora vontade de viver”, nas palavras de Zaratustra.

4. Eterno retorno do mesmo

Na terceira parte de *Assim Falou Zaratustra*, em “Da visão e do enigma”, Zaratustra e o anão estão parados diante de um portal. Zaratustra diz para o anão que o portal tem duas faces e ali dois caminhos se juntam; e prossegue dizendo que existe uma eternidade da “longa rua que leva para trás” e “outra eternidade” da “longa rua que leva para a frente” (NIETZSCHE, 1995, p. 166). O próprio Zaratustra narra esse fato sobre o eterno retorno:

“Olha”, continuei, “este momento! Deste portal chamado momento, uma longa, eterna rua leva *para trás*: às nossas costas há uma eternidade. Tudo aquilo, das coisas, que *pode* caminhar, não deve já, uma vez, ter percorrido esta rua? Tudo aquilo, das coisas, que *pode* acontecer, não deve já, uma vez, ter acontecido, passado, transcorrido?
E se tudo já existiu: que achas tu, anão, deste momento? Também este portal não deve já – ter existido?
E não estão as coisas tão firmemente encadeadas, que este momento arrasta consigo todas as coisas vindouras? Portanto – também a si mesmo?
Porque aquilo, de todas as coisas, que *pode* caminhar, *deverá* ainda, uma vez, percorrer – também esta longa rua que leva *para a frente!*”

E essa lenta aranha que rasteja ao luar, e o próprio luar, e eu e tu no portal, cochichando um com o outro, cochichando de coisas eternas – não devemos, todos, já ter estado aqui?

E voltar a estar e percorrer essa outra rua que leva para a frente, diante de nós, essa longa, temerosa rua – não devemos retornar eternamente?” (NIETZSCHE, 1995, p. 166-167).

O devir compreende a ideia de que tudo está continuamente em transformação. Esse modificar-se perpetuamente constitui o novo a cada momento; seu precedente se re-veste do que o torna ultrapassado, superado. Toma-o e o transforma no que lhe é o próprio re-novo, produto de si mesmo, retraduzido, manifesto novamente. O primeiro e o último dançam juntos, ligados pelo princípio da eterna gênese do movimento do “que nunca envelhece” e “é o que há de mais arcaico e antigo no movimento da vida: este empenho de sempre de novo se criar, se aumentar, se transcender”. (FERNANDES, 2008, p. 25).

A vontade para o poder faz aparecer o ser como o contínuo devir-vida, que nunca chega a um fim, que está fora e acima dele mesmo. A essência do poder é superpotenciação (*Übermächtung*). A vontade para o poder é o originário potenciar-se do poder na superpotenciação. É escalação de poder (*Machtsteigerung*). Assim, o devir-vida se retoma sempre de novo, retorna a si sempre de novo, no movimento circular de sua escalação de poder. Esse movimento originário, portanto, aparece como “eterno retorno do igual” (*ewige Wiederkehr des Gleichen*). FERNANDES, 2023, p. 192).

5. Super-homem

Logo de início, na primeira parte do livro, Zaratustra chega “à cidade mais próxima” e lá encontrando “grande quantidade do povo reunido na praça do mercado”, assim falou Zaratustra: “*Eu vos ensino o super-homem*. O homem é algo que deve ser superado. Que fizestes para superá-lo?” (NIETZSCHE, 1995, p. 29).

As traduções super-homem e além-do-homem para *Übermensch*; trazem a ideia de superação, o que torna cabível a compreensão das ideias do filósofo alemão, não obstante, esclareça-se que “super-homem” faz referência ao homem que superou o homem que era, sendo este, em comparação com o super-homem (ou além-do-homem) “um motivo de riso ou de dolorosa vergonha” (NIETZSCHE, 1995, p. 29).

Zaratustra tem nojo do homem que se deixa corromper e quer ver logo surgir o novo homem, aquele que há de virar as costas para devaneios que apontam para o europeu moderno e seus valores morais. No entanto Zaratustra ama este homem a

quem escarnece por ser o último homem nessa condição corrompida – “o que pode amar-se, no homem, é ser uma *transição* e um *ocaso*” – mas de quem há de se erguer o super-homem. Nessa primeira parte de *Assim Falou Zaratustra*, Zaratustra segue expressando o seu amor ao homem em seu ocaso, por ser a ponte para o super-homem, anunciando ao final: “Vede, eu sou um prenunciador do raio e uma pesada gota da nuvem; mas esse raio chama-se *super-homem*” (NIETZSCHE, 1995, p. 33).

O além-do-homem é aquele que superou toda espécie de niilismo, ama a vida alegremente, e dá sentido ao devir humano, porque dá sentido à existência.

Mas até que esse raio se mostre, brilhando no céu, o espírito terá que passar por três metamorfoses às quais Zaratustra em seu discurso irá ensinar: “como o espírito torna-se camelo e o camelo, leão e o leão, por fim, criança” (NIETZSCHE, 1995, p. 45).

O camelo suporta os pesados fardos que lhe põem às costas, se submetendo aos inconvenientes e assumindo qualquer sobrecarga de forma servil.

“Mas, no mais ermo dos desertos, dá-se a segunda metamorfose: ali o espírito torna-se leão [...]” (NIETZSCHE, 1995, p. 44).

O leão observa o dragão dos valores. O dragão dos valores chama-se “Tu deves” ao qual o espírito do leão responde “Eu quero”. Mas há um avanço com esta segunda metamorfose. Se o leão ainda não pode criar novos valores, ele pode “criar para si a liberdade de novas criações” (NIETZSCHE, 1995, p. 44). O leão pode, então, dizer “Não devo” ao imperativo “Tu deves”.

“Conquistar o direito de criar novos valores – essa é a mais terrível conquista para o espírito de suportaçãõ e de respeito. Constitui para ele, na verdade, um ato de rapina e tarefa de animal rapinante”. É necessário ao espírito suportar uma terceira metamorfose. “Por que o rapace leão precisa ainda tornar-se criança?” O espírito precisa tornar-se criança para que, em sua “inocência” e com o seu “esquecimento” estabeleça o lúdico, a alegria de “um novo começo, um jogo, uma roda que gira por si mesma, um movimento inicial, um sagrado dizer ‘sim’” (NIETZSCHE, 1995, p. 44). A roda que gira segue a forma do círculo que se fecha em si mesmo a cada volta que dá; isso nos remete à ideia do vir-a-ser. Ora, o espírito, ao tornar-se criança ratifica o devir.

CAPÍTULO 3

A Obra Assim Falou Zaratustra e seu Personagem Central

“*Assim Falou Zaratustra – um livro para todos e para ninguém*” foi escrito no intervalo de tempo que vai de 1883 a 1885. O autor, Friedrich Wilhelm Nietzsche, nascido em 1844, em Röcken na Alemanha, havia publicado outras obras até então, o que poderia permitir – usando o método comparativo – aos seus leitores abstrair o traço presente em seus livros.

Desde já estejamos atentos! Logo de início cuidemos do subtítulo: “*um livro para todos e para ninguém*”. O que o filósofo deseja expressar ou, ao contrário, o que quer esconder, deixar oculto? Que mistério nele se guarda? É um livro que se dirige a todos e também se dirige a ninguém! Qual o vínculo entre todos e ninguém? Estará Zaratustra falando para o povo e não ao indivíduo desvinculado, alienado, alheio à vontade ontológica? Talvez o autor intui que sua obra sofreria uma grande recusa por deslocar o foco da discussão em direção a uma estrutura jamais colocada sob suspeita, por apontar o dedo para instituições ancoradas na convicção das pessoas, propondo tirar Deus do trono que é dele e afirmando que o homem não vai encontrar solução para suas mazelas, sofrimentos ou satisfação dos seus desejos em um ser que o transcende, mas buscando em si mesmo, não um “si mesmo” decadente, seguidor de uma moral vil – a moral dos escravos – mas daquele capaz de uma gloriosa superação. Nietzsche avaliava a dimensão da sua filosofia; sabia que não se tratava apenas de uma proposta de rearranjo das coisas no mundo, mas era uma ideia de implosão – “Eu não sou um ser humano, sou dinamite” anotava (em *Ecce homo*) (NIETZSCHE, 1995, p. 5). Sim, a sua obra também era escrita para ninguém. O livro assim registra: “E Zaratustra assim falou ao povo” (p. 29); “Mas Zaratustra olhou, admirado, para o povo. Depois, falou [...]” (p. 31); “[...] tornou Zaratustra a olhar para o povo e guardou silêncio. ‘Lá estão eles rindo’, disse ao seu coração” (p. 33); “Após dizer isso ao seu coração, carregou Zaratustra o cadáver às costas e pôs-se a caminho” (p. 37); “E assim, então, falou ao seu coração” (p. 39); “Muitas terras, viu Zaratustra, e muitos povos: descobriu, assim, o bem e o mal de muitos povos” (p. 73) – apenas para citar algumas páginas iniciais onde se nota que Zaratustra falava para o povo e para o seu coração. Todos é esse povo para o qual Zaratustra ergue sua voz

para ser ouvido, e quando ele fala sua voz ressoa internamente: no seu coração. Todos é o mundo, é a humanidade inteira que precisa transpor a ponte entre o homem e o além-do-homem.

Continuando com o que nos diz Martin Heidegger:

“[...] e para ninguém” diz: para nenhum da horda dos curiosos de toda parte adventícios, que se embriagam e se extasiam com passagens isoladas, com frases e ditos deste livro e assim caem em delírios e vertigens cegos, em razão da linguagem meio cantante, meio gritante, ora temperada, ora tempestuosa, quase sempre elevada, às vezes dura e chã – tudo isso, ao invés de pôr-se a caminho do pensamento que aqui procura por sua palavra (HEIDEGGER, 2012, p. 87).

Sobre *Zaratustra*, o filósofo ainda expressaria em carta ao seu amigo Erwin Rohde quando a obra ainda estava em execução: “É uma espécie de abismo sobre o futuro, qualquer coisa de horripilante, notadamente em sua suprema felicidade. Tudo que ela contém é realmente meu, sem modelo, sem termo de comparação, sem predecessor” (NIETZSCHE, 1995, p. 12).

De fato, é uma obra que se evidencia pelo ineditismo dela mesma como um todo, pela determinação do filósofo em nela gravar um estilo diversificado de recursos linguísticos, explorar imagens complexas e ricas de simbolismo, definir conceitos ou os reapresentar com maior profundidade, enfim, é uma obra carregada de “seres sublimes”, “monstros”, “enigmas”, desertos: “Longe demais voei no futuro: um calafrio de horror me percorreu (NIETZSCHE, 1995, p. 131).

Zaratustra seria um nome emprestado de Zoroastro (variante em grego), um profeta persa que viveu no período de 660-583 a.C. Há relatos de que Zaratustra teria iniciado sua missão aos trinta anos. Após viver por sete anos no mais completo isolamento no cimo de uma montanha, o profeta motivado por revelações do deus *Ahura-Mazda*, desceu para falar ao povo.

De maneira similar ao profeta persa, Zaratustra, o personagem da obra de Nietzsche, também sobe a montanha e lá, por alguns anos, seguirá uma vida solitária até que numa manhã ele se levanta e, postando-se de frente ao sol, profere suas palavras.

Aos trinta anos de idade, deixou Zaratustra sua terra natal e o lago da sua terra natal e foi para a montanha. Gozou ali, durante dez anos, de seu próprio espírito e da solidão, sem deles se cansar. No fim, contudo, seu coração mudou; e, certa manhã, levantou-se ele com a aurora, foi para diante do sol e assim lhe falou [...] (NIETZSCHE, 1995, p. 27).

Zaratustra segue, então, dirigindo suas palavras ao astro rei. E “assim começou o ocaso de Zaratustra” (NIETZSCHE, 1995, p. 27).

Depois desceu a montanha, mas antes de chegar à cidade, ainda na mata, por um acaso encontrou-se com um velho santo que estava ali à procura de raízes da floresta. Ao chegar na cidade, diante do povo começou a ensinar as pessoas acerca do super-homem. O livro segue com uma longa preleção de Zaratustra a proferir suas palavras acerca do super-homem: “*Eu vos ensino o super-homem*” (NIETZSCHE, 1995, p. 29).

Mas Zaratustra também há de falar do que existe de mais abjeto e ignóbil: o último homem. Então dirige sua voz ao povo alternando sua vergonha do último homem com sua palavra positivamente propositiva: “Já é tempo de o homem estabelecer a sua meta. Já é tempo de o homem plantar a semente de sua mais alta esperança” (NIETZSCHE, 1995, p. 33).

É nessa medida que Zaratustra segue falando das coisas. Fala das três metamorfoses, das alegrias e das paixões, dos novos ídolos e dos supérfluos, etc. O autor irá nos brindar com descrições que acabam por criar imagens muito nítidas em nossa mente. Surgem ilhas bem-aventuradas, enigmas, poetas. Ouvem-se cantos, veem-se símbolos, selos, sinais. Uma miríade de episódios, lugares, circunstâncias, etc. vão se desenrolando à medida em que exploramos a leitura e avançamos percorrendo as páginas desse livro que quer revelar a vida que há por detrás do véu do niilismo escamoteado por um platonismo, assim interpretado por Nietzsche como sendo o cristianismo. Tendo esses elementos em conta, a leitura de *Assim Falou Zaratustra* é riquíssima!

E Zaratustra continua o seu relato com sua linguagem permeada de enigmas, às vezes decisivamente obscura e confusa, enquanto seguimos ouvimos o eco da sua voz bradando: “Fugi do mau cheiro! Fugi da idolatria dos supérfluos! Fugi do mau cheiro! Fugi da fumaça desses sacrifícios humanos!” (NIETZSCHE, 1995, p. 67).

Zaratustra atravessa florestas, passa por rios, cachoeiras e mar, percorre terras e fala com povos e com pessoas. Em um desses momentos subliminares, esbarramos na seguinte narrativa: “Certo dia em que Zaratustra passava pela grande ponte, cercaram-no os aleijados e os mendigos; e um corcunda assim lhe falou: ‘Vê, Zaratustra! Também o povo aprende de ti e adquire fé na tua doutrina” (NIETZSCHE, 1995, p. 149). O que se segue a essa narrativa é ilustrativo de um enigma e redenção. Nas palavras do corcunda, Zaratustra deveria convencer os mutilados curando-lhes das suas deformidades. Mas assim falou Zaratustra:

Se ao corcunda tiramos a corcunda, tiramos-lhe o espírito [...] E se ao cego se dá a vista, vê ele demasiadas coisas ruins na terra: a tal ponto que amaldiçoa aquele que o sarou. Aquele, porém, que faz caminhar um paraplégico, causa-lhe o maior dos danos: porque, mal pode ele caminhar, pegam seus vícios a correr, arrastando-o consigo (NIETZSCHE, 1995, p. 149).

Enigma e redenção:

“Redimir os passados e transformar todo ‘Foi assim’ num ‘Assim eu o quis!’ – somente a isto eu chamaria redenção!” (NIETZSCHE, 1995, p. 151).

Essa transformação é, de fato, a maneira de se reparar as coisas como se deram no passado. Mas, que transformação? Essa transformação que se opera na conversão, aqui dita por Zaratustra de todo “Foi assim” – o mundo criado, metafísico, sem devir, que “não passa de uma criação do homem que busca dar um sentido para a vida” (CORDEIRO, 2016, p. 93) – em “Assim eu o quis!”, o mundo do devir, das coisas em constante luta para se mostrar, aparecer; o mundo da vontade de poder, já que esta “é sempre um querer vir à presença” (CORDEIRO, 2016, p. 92), como nos quer mostrar Nietzsche, o único mundo que há e que “é o mundo cruel, contraditório, que se mostra para o homem como sendo caótico, sombrio, por não possuir caráter de unidade alguma [...]” (CORDEIRO, 2016, p. 92).

É esse mundo, em constante criação e destruição, do qual vem a loucura dizer: “Tudo perece, tudo, portanto, merece perecer!” (NIETZSCHE, 1995, p. 151) que dá lugar ao *amor fati*, entendido como amor ao destino. “Não obstante, para amar todo o movimento de vir à aparência, como também para perceber o caráter terrível da

existência e não se resignar diante disso, é preciso já estar tomado por amor, ou seja, por afeto (CORDEIRO, 2016, p. 101).

Eis aí a ação. Querer chegar lá. Agir-se por vontade, “querer a vontade que é vontade de poder [...]” (NIETZSCHE, 1995, p. 152).

Certamente vamos continuar virando as páginas de *Assim Falou Zaratustra*, longe da formalidade e rigidez de um tratado filosófico. Talvez analisando devagar e melhor, com aquela espécie de lerdeza no vagar do filósofo, pudéssemos concluir que o filósofo alemão – e também filólogo, lembremos – desejasse criar uma ponte que pudesse nos conduzir ao conhecimento de suas ideias por meio dessa viagem que transpõe o limite entre a literatura e a filosofia. Examinemos o confronto desses dois conceitos no texto a seguir.

A literatura, como manuseio da linguagem, se configurou na afirmação do significado simbólico das palavras e sentenças. A técnica de domínio da linguagem se constituiu pela afirmação da multiplicidade semântica das palavras, sentenças, discursos. A variedade interpretativa, própria do símbolo, implica um não controle exaustivo e rigoroso do significado do que é expresso. Essa variedade semântica coloca em xeque a capacidade desse discurso de dizer a verdade. A tentativa de controle exaustivo tem como consequência, em geral, a perda de significações simbólicas do texto literário. De fato, esse não controle ou essa possível sobreposição significativa colocou a literatura nos quadros do ficcional, do não-real, do imaginário, estabelecendo, assim, pela contraposição, uma disposição de dois tipos de discurso, o ficcional e o verdadeiro. A filosofia, já no seu processo de institucionalização, buscou desvencilhar-se do caráter de inspiração poética. Ao invés do simbólico, a filosofia cultivava-se – ou cultivava-se – pelo controle do significado das palavras e sentenças, controle constituído pela afirmação do conceito, em termos semânticos, e pela afirmação da argumentação, em termos lógico-sintáticos. A filosofia não quis se constituir como um discurso multi-interpretativo, a despeito de todas as problemáticas hermenêuticas suscitadas no interior da tradição filosófica pela discussão dos textos dos filósofos. A filosofia quis se configurar num discurso lógico-racional, conceitualmente sistemático, totalmente pensado e repensado para ter controle do significado e expressar o real. (SOUZA, 2009, p. 54-55).

Ora, com um personagem central um tanto quanto inquieto, esta obra de Nietzsche traz de conceitos novos, ou martela concepções já estabelecidas em outros livros do autor – como já foi reportado aqui – lembremos de noções tais como: Deus está morto, último homem, super-homem, eterno retorno do mesmo, vontade de poder. Para isso ele lança mão de cantos, salmos, poesia, e outras formas de estilo literário.

Todos esses recursos usados pelo filósofo não transformam a leitura de *Assim Falou Zaratustra* em algo fácil, mesmo porque Nietzsche é um filósofo controverso, porém, definitivamente, fazem com que se tornem fascinantes o autor e sua obra. “Desejasse Nietzsche facilitar a vida dos leitores – e tradutores – de *Assim Falou Zaratustra*, fornecendo-lhes pensamentos filosóficos sem véus de qualquer espécie, não teria escrito essa obra do modo que a escreveu” (NIETZSCHE, 1995, p. 23).

CAPÍTULO 4

O amor em “*Assim Falou Zaratustra*”

Uma leitura simples de *Zaratustra* já nos permitiria assimilar que desde o início Nietzsche insere o “amor” como tema a perpassar sua obra, tal qual o vento que sopra continuamente as nuvens no céu o amor é o sopro que dá vida às palavras de Zaratustra e as movimenta, gerando uma ordem no caos provocado por uma visão niilista do mundo. Já no início da obra o amor é lembrado como o sentimento que leva Zaratustra ao encontro dos homens, em sua resposta a um velho com quem se deparou na floresta quando descia a montanha: “Amo os homens”; e continua, interrogando: “E por que foi, então [...] que eu me recolhi à floresta e ao ermo? Não foi porque amei demais os homens?” E o velho santo insiste: “Agora, amo Deus, não amo os homens. Coisa por demais imperfeita é, para mim, o ser humano. O amor aos homens me mataria”. E, novamente, responde Zaratustra: “Por que fui falar de amor! Trago aos homens um presente”. (NIETZSCHE, 1995, p. 28).

E segue um canto filosófico-amoroso no item quatro do Prólogo de Zaratustra (da página 31 à 33), como se lê inicial.

- Zaratustra ama o homem por ser uma transição e também um ocaso.
- Ama aqueles que vivem seu ocaso.
- Ama os que são flechas apontadas para a outra margem.
- Ama os que se sacrificam para que a terra seja um lugar morada do super-homem.
- Ama os que buscam seu próprio ocaso procurando o conhecimento que provoca o advento do super-homem.
- Ama os que igualmente investem no seu próprio ocaso edificando a morada em que possa albergar o super-homem e garantir-lhe a subsistência.
- Ama o que ama a virtude em si mesmo porque reconhece nela sua “vontade de ocaso e uma flecha do anseio”.
- Ama aquele que abandona o homem com seu espírito visto que se destina, desse modo, a transcender, “como espírito, a ponte”.
- Ama aquele que faz da sua própria virtude sua fortuna e, “por amor à sua virtude, quer ainda e não quer mais viver”.

- Ama aquele que sabe que “uma só virtude é mais virtude do que duas”. É assim que a virtude se torna mais forte e captura o destino.

E Zaratustra segue falando do seu amor:

Amo aquele que prodigaliza a sua alma, não quer que lhe agradeçam e nada devolve: pois é sempre dadivoso e não quer conservar-se. Amo aquele que sente vergonha se o dado cai a seu favor e que, então, pergunta: ‘Sou, acaso, um trapaceiro?’ – porque quer perecer. Amo aquele que atira palavras de ouro precedendo seus atos e, ainda assim, cumpre sempre mais do que promete: pois quer o seu ocaso. Amo aquele que justifica os seres futuros e redime os passados: porque quer perecer dos presentes. Amo aquele que pune o seu Deus, porque o ama: pois deverá perecer da ira do seu Deus. Amo aquele cuja alma é profunda também na mágoa e pode perecer de uma pequena ocorrência pessoal: assim transpõe a ponte de bom grado. Amo aquele cuja alma é tão transbordante, que se esquece de si mesmo e que todas as coisas estão nele: assim, todas as coisas, tornam-se o seu ocaso. Amo aquele cujo espírito e coração são livres: assim, nele, a cabeça é apenas uma víscera do coração, mas o coração o arrasta para o ocaso. Amo todos aqueles que são como pesadas gotas caindo, uma a uma, da negra nuvem que paira entre os homens: prenunciam a chegada do raio e perecem como prenunciadores. Vede, eu sou um prenunciador do raio e uma pesada gota da nuvem: mas esse raio chama-se *super-homem* (NIETZSCHE, 1995, p. 32-33).

Zaratustra segue em seus discursos, nas páginas seguintes do livro, falando de amor com suas nuances nos diversos contextos.

No discurso “Das três metamorfoses”, Zaratustra levanta uma questão que diz respeito ao espírito metamorfoseado em camelo: “O que há de mais pesado?” e, dentre as diversas situações aventadas, o que pode ser muito pesado é amar àqueles que nos desprezam. Assim, continuando a falar de amor na esfera do “espírito de suportaç o e de respeito” (NIETZSCHE, 1995, p. 44), ele faz a seguinte observa o:

Como o que há de mais sagrado amava ele, outrora, o “Tu deves”; e, agora, é forçado a encontrar quimera e arb rio at  no que tinha de mais sagrado, a fim de arrebat r a sua pr pria liberdade ao objeto desse amor: para um tal ato de rapina, precisa-se do le o (NIETZSCHE, 1995, p. 44).

E, em “Das alegrias e das paixões” Zaratustra se expressa usando de uma espécie de marcha sobre a virtude, que se caracteriza por ser única e especial para quem a tem. Não há como expressá-la sem falar de amor.

Que a tua virtude seja demasiado elevada para a familiaridade dos nomes; e, se tens de falar nela, não te envergonhes de gaguejar. Fala, pois, gaguejando: “Este é o *meu* bem, é o que amo, é assim que gosto dele, somente assim *eu* quero o bem. Não o quero como uma lei de Deus, não o quero como uma norma e uma necessidade humana; que não seja, para mim, seta indicadora de mundos ultraterrenos e paraísos. É uma virtude terrestre, a que amo: pouca prudência há nela e, menos do que qualquer outra coisa, a razão de todo o mundo. Mas foi em mim que essa ave fez ninho; amo-a, por isso, e a acarício – e, agora, ela cobre em mim, chocando-os, seus ovos de ouro”. Assim deves gaguejar e louvar a tua virtude (NIETZSCHE, 1995, p. 53).

Seguindo a leitura, em “Da árvore no monte”, certa noite Zaratustra (no final do tópico) conclui sua fala a um jovem que antes tinha visto fugindo dele: “Mas, pelo meu amor e esperança, eu te suplico: não deites fora o herói que há na tua alma! Conserva sagrada a tua mais alta esperança!” (NIETZSCHE, 1995, p. 60-61).

Zaratustra segue, em “Da guerra e dos guerreiros” falando da sua objeção a que sejam preservados pelos inimigos. Diz: Não queremos isso! e reforça: “tampouco, por aqueles que amamos de todo o coração [...]. Meus irmãos de guerra! Eu vos amo de todo o coração, sou e fui um vosso igual! [...]. Deveis amar a paz como meio para novas guerras” (NIETZSCHE, 1995, p. 63), aconselha, para depois afirmar que “a guerra e a coragem realizaram grandes coisas, muito mais do que o amor ao próximo” (NIETZSCHE, 1995, p. 63) e concluir: “Eu não vos poupo, eu vos amo profundamente, meus irmãos de guerra! (NIETZSCHE, 1995, p. 64).

Avançando na leitura, em “Das moscas da feira” e “Da castidade” assim falou Zaratustra: “Dignamente saber calar-se, contigo, a floresta e o rochedo. Volta a parecer-te com a árvore que amas, a de ampla ramagem: silenciosa e à escuta, debruça-te sobre o mar” (NIETZSCHE, 1995, p. 67) e mais: “Amo a floresta. Ruim é a vida nas cidades: há ali demasiados libidinosos” (NIETZSCHE, 1995, p. 70)..

O tópico “Do amigo” traz uma narrativa de Zaratustra que diz:

Tempo demais, esteve escondido na mulher um escravo e um tirano. Por isso, ainda não é a mulher capaz de amizade: conhece somente o amor. Há, no amor da mulher, injustiça e cegueira por tudo o que ela não ama. E, mesmo no amor esclarecido da mulher, ainda há a agressão e o corisco e a noite, ao lado da luz (NIETZSCHE, 1995, p. 73)

Lê-se em “De mil e um fitos”: “Outrora, os povos suspendiam por cima de si uma tábua do bem. O amor que quer dominar e o amor que quer obedecer criaram juntos, para si, essas tábuas [...]. Homens amantes, foram sempre, e criadores, os que criaram o bem e o mal. O fogo do amor e o fogo da cólera ardem em todos os nomes de virtudes (NIETZSCHE, 1995, p. 75).

“Do amor ao próximo” vem carregado com a palavra amor. Senão, vejamos:

Sois pressurosos em acudir ao próximo e tendes bonitas palavras para isto. Mas eu vos digo: o vosso amor ao próximo é o vosso mau amor por vós mesmos [...]. Aconselho-vos o amor do próximo? Ainda prefiro aconselhar-vos a fuga do próximo e o amor do distante! [...] Mais alto do que o amor do próximo, está o amor do distante e futuro; mais alto, ainda, do que o amor ao homem, reputo o amor às coisas e aos fantasmas [...]. Não vos suportais a vós mesmos e não vos amais bastante: então, quereis induzir o próximo a amar-vos, para vos dourardes com seu erro [...]. O vosso mau amor por vós mesmos transforma, para vós, a solidão em cárcere [...]. São os distantes que pagam pelo vosso amor do próximo [...]. Eu vos ensino o amigo e seu transbordante coração. Mas é preciso que saiba ser uma esponja, quem quer ser amado por corações transbordantes [...]. Que o futuro e distante sejam, para ti, a razão de ser do teu hoje: no amigo, debes amar o super-homem como a tua razão de ser [...]. Meus irmãos, eu não vos aconselho o amor do próximo: aconselho-vos o amor do distante. (NIETZSCHE, 1995, p. 76-77)

E no item seguinte, “Do caminho do criador” fala Zaratustra:

Solitário, percorres o caminho de quem ama: amas-te a ti mesmo e, por isso, te desprezas, como sabem desprezar somente os que amam. Criar, quer o que ama, porque despreza! Que sabe do amor quem não teve de desprezar, justamente, aquilo que amava! Vai para a tua solidão com o teu amor, meu irmão, e com a tua atividade criadora; e somente mais tarde a justiça te seguirá capengando [...]. Amo aquele que quer criar para além de si e, destarte, perece. (NIETZSCHE, 1995, p. 79-80)

Em “Das mulheres, velhas e jovens” temos:

Que a luz de uma estrela brilhe em vosso amor! Que a vossa esperança seja: “Possas eu dar à luz o super-homem”. Que haja coragem em vosso amor! Deveis investir com o vosso amor contra aqueles que vos inspiram medo. Que a vossa honra consista em vosso amor! No mais, pouco a mulher entende de honra. Mas que a vossa honra seja sempre amar mais do que sois amadas e, nisso, nunca ficar atrás. Que o homem tema a mulher, quando ela ama: é capaz de todo o sacrifício e qualquer outra coisa não tem, para ela, valor [...]. “Vê! O mundo acaba de atingir a perfeição!” – assim pensa toda mulher, quando obedece com a força inteira do seu amor (NIETZSCHE, 1995, p. 81).

Ainda sobre o amor, assim falou Zaratustra em “Do casamento e dos filhos”:

O vosso amor pela mulher e o amor da mulher pelo homem: ah, pudessem ser compaixão por deuses sofredores e encobertos! Nas mais das vezes, contudo, são dois animais que mutuamente se farejam. Mas também o vosso melhor amor não passa de uma arroubada metáfora e de uma dolorosa chama. É uma tocha que deveria iluminar-vos os caminhos mais elevados. Para além de vós, devereis amar, algum dia! Logo, *aprendei* a amar. E por isto é que tivestes de beber o amargo cálice do vosso amor. Há um sabor amargo até no cálice do melhor amor: assim, produz anseio pelo super-homem, assim, produz sede em ti, criador! (NIETZSCHE, 1995, p. 85).

Depois dos discursos, Zaratustra retorna para a sua caverna na montanha, como o semeador que fez o seu trabalho deitando a semente na terra e se recolhe sabendo do renovo que está por vir. “A alma, no entanto, se lhe enchia de impaciência e desejo daqueles que ele amava; porque muito, ainda, tinha para dar-lhes. E isto, justamente, é o mais difícil: fechar, por amor, a mão aberta e, como dispensador de dádivas, guardar o pudor” (NIETZSCHE, 1995, p. 97).

Passaram-se os anos e Zaratustra prosperou em sabedoria.

Um dia muito cedo despertou, pôs-se a pensar e começou a falar ao seu coração até que, como quem está possuído do espírito, tomou de surpresa os seus animais, a águia e a serpente, ao verem o seu rosto emanando felicidade de modo tal que modificava o seu semblante (NIETZSCHE, 1995, p. 97). Mais uma vez Zaratustra expressa o amor quando se refere à sua sabedoria e de como ela se multiplicou e se lapidou: “Nos relvados macios dos vossos corações, meus amigos! – no vosso amor, desejaria ela deitar o seu predileto!” (NIETZSCHE, 1995, p. 99).

No tópico “Dos compassivos”, o profeta fala da compaixão e contrapõe: “E se um amigo proceder mal contigo, fala-lhe assim: “Perdoo-te o que me fizeste; mas, que o fizestes a ti – como poderia perdoá-lo?” (NIETZSCHE, 1995, p. 104).

Prossegue, então, falando do amor:

Assim fala todo o grande amor; ainda supera, até, o perdão e a compaixão. Devemos segurar firmemente o nosso coração; porque, se o soltamos, quão depressa lá se vai também a cabeça! Ai de nós! Onde se viram maiores estultícias, no mundo, do que entre os compassivos? E, o que causou mais sofrimentos, no mundo, do que a estultície dos compassivos? Ai de todos os que amam e ainda não atingiram uma altura acima da sua compaixão! Certa vez, assim falou-me o Diabo: “Também Deus tem o seu inferno: e é seu amor aos homens” [...]. Mas lembrai-vos, também, destas palavras: todo o grande amor está ainda acima da sua própria compaixão, porque, ainda, quer – criar o amado! Ao meu amor ofereço mim mesmo e, *do mesmo modo, o meu próximo* – assim fala todo o criador (NIETZSCHE, 1995, p. 104).

“Amais a vossa virtude como a mãe ama o filho: mas quando já se viu qualquer mãe querer ser paga pelo seu amor?” (NIETZSCHE, 1995, p. 106), diz Zaratustra em “Dos virtuosos” e, em “O canto noturno” vem nos falar: “É noite: somente agora despertam todos os cantos dos que amam. E também a minha alma é o canto de alguém que ama. Há qualquer coisa insaciada, insaciável, em mim; e quer erguer a voz. Um anseio de amor, há em mim, que fala a própria linguagem do amor. (NIETZSCHE, 1995, p. 118).

Em “O canto de dança” diz de quem ama ao falar da sua sabedoria: “E, quando conversei a sós com a minha selvagem sabedoria, disse-me esta, zangada: “Tu queres, desejas, amas; e somente por isso *louv*as a vida!” (NIETZSCHE, 1995, p. 121). E continua: “Do fundo do meu ser, amo somente a vida – e, na verdade, nunca a amo tanto como quando a detesto!” (NIETZSCHE, 1995, p. 122).

O próximo canto – “O canto do túmulo” – vem ornado de um lirismo expresso em vocativos e imagens construídas de modo que parecem chamar as palavras para uma dança enquanto fala-se dos mortos, homicídios, assassinatos, perdas, pústulas, etc., o que demonstra a capacidade artística do autor em tratar de temas mais pesados com leveza, mesmo que a emoção possa manifestar-se: “Ainda sou o vosso herdeiro e o solo do vosso amor, florindo, em vossa memória, de agrestes e multicores virtudes, ó amados! (NIETZSCHE, 1995, p. 123).

O texto de *Assim Falou Zaratustra* segue falando do amor em diversos momentos, cenários e contextos; como se segue.

“amor à liberdade e o ar soprando sobre a terra fresca” (p. 137).

“Amai, pois não, o vosso próximo como a vós mesmos – mas sede, antes, daqueles que se amam a si mesmos – Que amam com o grande amor, que amam com o grande desprezo!” (p. 179).

“Que eu amo, amo-o melhor no inverno que no verão” (p. 180).

“Isto exige o meu amor pelos mais distantes: não poupes o teu próximo!” (p. 205).

“Mas assim quer o nosso feitio; e eu amo os que não desejam conservar-se. De todo o coração, amo os que estão no ocaso: porque vão caminho do outro lado” (NIETZSCHE, 1995, p. 206).

“Qual é, de todos os seres, a espécie mais alta e qual a mais baixa? [...] A que mais se ama a si mesma, em que todas as coisas têm suas correntes e contracorrentes e preamar e baixa-mar [...]” (p. 215).

“Assim aconselho todas as pessoas honestas; e o que seria o meu amor ao super-homem e a tudo o que há de vir, se aconselhasse e falasse de outro modo!” (p. 218).

“Ó minha alma, ensinei-te o desprezo, não o que chega como um verme roedor, mas o grande, o amoroso desprezo, que mais ama onde mais despreza” (p. 228).

“Gostaria de ir contigo – por sendas mais suaves – Pela senda do amor, por entre moitas silenciosas e coloridas” (p. 230).

Note-se que em “Os sete selos (ou: A canção do Sim e Amém)” com que Nietzsche finaliza a Terceira Parte, o autor usa como estribilho nas sete estrofes: “Nunca encontrei, ainda, a mulher da qual desejaria ter filhos, a não ser esta mulher que amo: pois eu te amo, ó eternidade! *Pois eu te amo, ó eternidade!*” (NIETZSCHE, 1995, p. 234-237).

Até o término da obra ainda vamos encontrar as referências ao amor:

“E bem te ouvi lastimar ‘amaram-no pouco demais, amaram-no pouco demais!’” (p. 258).

“O meu amor o serviu durante longos anos, a minha vontade seguiu inteiramente a sua vontade [...]” (p. 263).

“Quem o gaba como um Deus do amor, não forma do amor um conceito bastante elevado. Pois não queria, esse Deus, ser também juiz? Mas quem realmente ama, ama acima de prêmio e de castigo (p. 263).

“O que posso amar no homem, ó meus irmãos, é que ele é uma transição e um ocaso. E também em vós há muita coisa que em mim suscita amor e esperança” (p. 288).

“[...] E, em verdade, por isto eu vos amo, ó homens superiores: porque não sabeis viver nos dias de hoje. Já que é esse o melhor modo – de continuardes, vós, vivos!” (p. 289).

“[...] Aquilo que ainda ninguém viu com olhos, o fruto: a esse protege e preserva e alimenta o vosso amor inteiro. Ali, onde se acha o vosso amor, no filho, acha-se, também, toda a vossa virtude! [...]” (p. 292).

“Então, deve-se logo amaldiçoar aqueles que não podemos amar? [...] E, tampouco, amava bastante a si mesmo; do contrário, não se zangaria tanto de que não o amassem. Todo grande amor não *quer* amor: quer mais do que isso” (p. 295).

“Vale a pena viver na terra: um só dia, uma só festa com Zaratustra ensinaram-me a amar a terra” (p. 318).

Por fim, e concluindo essa listagem em que procurei – de forma quase exaustiva – demonstrar que o “amor” é um tema que percorre toda a obra de Nietzsche: *Assim falou Zaratustra – um livro para todos e para ninguém:*

Tudo de novo, tudo eternamente, tudo encadeado, entrelaçado, enlaçado pelo amor, então, amastes o mundo – Ó vós, seres eternos, o amais

eternamente e para todo o sempre; e também vós dizeis ao sofrimento: “Passa, momento, mas volta!” *Pois quer todo o prazer – eternidade!* [...] Quer amor, quer ódio, é opulento, dadivoso, esbanjador, mendiga que alguém o tome, agradece a quem o tomou, gostaria de ser odiado. Tão rico é o prazer, que tem sede de sofrimento, de inferno, de ódio, de opróbrio, do aleijão, do *mundo* – pois, este mundo, vós bem o conheceis! (NIETZSCHE, 1995, p. 324).

Neste capítulo ficou demonstrado que Zaratustra desdenha do homem cingido em si mesmo, preso a valores compulsórios, servil, enquanto, por outro lado, declara seu amor ao último homem, àquele que é ponte entre o homem e o super-homem.

Amor e ódio paradoxalmente segue na mesma direção: o ódio é também esperança visto se dirigir ao homem que tem por caráter dar passagem ao último homem, e se encher de regozijo com a chegada do além-do-homem. Sim! O homem é algo a ser superado! Por fim, lembremos que o ódio não se dirige ao homem subserviente, mas à sua condição servil. É para atacar esse estado aviltante que Zaratustra almeja “atrair muitos para fora do rebanho” (NIETZSCHE, 1995, p. 39).

Em vista disso, digamos que, até mesmo quando paradoxalmente manifesto pelo ódio, o amor segue atravessando a obra *Assim falou Zaratustra*, que na verdade é uma declaração de amor e de esperança dirigida ao homem.

CAPÍTULO 5

A crítica de Nietzsche ao cristianismo

Platão em sua República já demonstrava haver um distanciamento entre a arte (mimese) e a verdade (ideia) (HEIDEGGER, 2010, p. 154).

Para que fosse produzida, esta mesa onde tenho um computador no qual digito meu trabalho, ela precisou passar por uma maneira (método) de ser feita por um processo de imitação do que até então era uma ideia. “Coloquemos, por conseguinte, a pergunta: Como se comporta a arte em relação à verdade? Onde se encontra a arte nessa relação? A arte é μίμησις”. É a partir da essência da μίμησις que se torna possível medir a relação entre a arte e a verdade (HEIDEGGER, 2010, p. 154).

Ora, de que maneira o artesão pôde “realizar” a mesa? Sócrates, citado por *Heidegger*, responde: o artesão pôde “realizar” a mesa “fixando o olhar na coisa denominada pela palavra” e segue nos ensinando, ainda citado pelo filósofo alemão: “na medida em que se encontram da maneira habitual a caminho e atrás da coisa mesma’, pois é isso que diz a palavra grega ‘método’” (HEIDEGGER, 2010, p. 154). Assim, aquele que tiver que produzir uma determinada mobília terá que olhar para a ideia dessa mobília. Um fabricante de cadeira, só será um fabricante de cadeira, no ato mesmo de olhar para essa ideia e assim poder fabricá-la.

O construtor de suportes é um construtor que precisa voltar os olhos em meio à construção para algo que ele mesmo não pode fazer. A ideia está, para ele, *pré-ordenada*, e ele está *sub-ordinado* a ela. Portanto, como construtor, ele já é de algum modo alguém que constrói a partir de um modelo. Dessa forma, não há absolutamente algo assim como um homem *puramente* “prático”; esse mesmo sempre já é, e, com efeito, necessária e antecipadamente, *mais* do que prático. Essa é a inteligência fundamental, à qual aspira Platão. A outra coisa que precisamos realçar a partir do fato de os móveis serem fabricados pelos artesãos estava claramente dada para os gregos, mas se esvaeceu para nós, e, com efeito, por meio da auto-evidência de que o fabricado como produzido e como não sendo antes disso um ente só “é” a partir da produção. Ele “é”. Compreendemos esse “é” – e pensamos muito pouco sobre isso. Para os gregos, o “ser” do fabricado era determinado. No entanto, ele era determinado de um modo diverso do que ele é pra nós. O produzido “é” porque a ideia torna possível vê-lo como tal, torna possível que ele se apresente no aspecto, isto é, que ele “seja”. E, somente nessa medida, o produzido mesmo pode ser denominado “sendo”. Fazer – fabricar significa, com isso: trazer-para-a-auto-mostração o aspecto mesmo em um outro, no fabricado, “pro-duzir” o aspecto, não fabricar ele mesmo, mas deixá-lo aparecer. O fabricado só “é” na medida em que nele o aspecto, o ser, aparece. A sentença “algo fabricado é” diz: nele se mostra a presença de seu

aspecto. Um artesão é alguém que leva o aspecto de algo até o interior da presença da visibilidade sensível. Com isso, parece suficientemente circunscrito o que é e como é o que o artesão faz e o que ele não pode fazer. Cada um desses produtores de móveis disponíveis e utilizáveis, assim como de utensílios em geral, mantém-se no âmbito da “ideia” que o dirige: o fabricante de mesas olha para a ideia de mesa, o sapateiro, para a ideia de sapato, e cada um deles é tanto mais hábil quanto mais puramente se restringe a essa ideia; de outro modo ele acaba por se mostrar um charlatão (HEIDEGGER, 2010, p. 158).

Uma discussão mais aprofundada desse tema envolvendo o mundo sensível e o suprassensível da filosofia de Platão, foge do escopo desse trabalho, mas o pouco que foi trazido até aqui – uma espécie de estalo – tem a intenção de levantar um aspecto relevante para as minhas pretensões: o platonismo e sua faceta atualizada no neoplatonismo.

Pois bem. Platão nos remete a um diálogo entre Sócrates e Glauco em *A República*, na sua conhecida alegoria da caverna. Pensemos em um grupo de homens vivendo desde sempre debaixo do nível do chão, presos com correntes no pescoço e nas pernas. Eles têm seus movimentos limitados a tal ponto que só conseguem ver o que se lhes passa à frente. Atrás deles existe uma parede que separa os prisioneiros de um caminho que se estende até a boca da caverna. Distante, no alto da caverna, vê-se uma chama acesa a iluminar o interior dela. Neste ponto, atentemos ao fato de que o movimento das pessoas que passam transportando coisas pelo caminho é visto o tempo todo pelos homens encarcerados, que acompanham as sombras projetadas na parede da caverna e também ouvem a ressonância da conversa dos passantes, dos sons dos pés no chão, do estalido das mãos, enfim, eles assimilam as sombras e os ecos de forma distorcida. E é desta maneira que esses prisioneiros vivem a experiência do mundo.

Platão quer nos ensinar sobre o mundo das Formas de onde advém as ideias das formas com a mais pura perfeição, mas que – no entanto – são captadas de maneira corrompida por nossos sentidos. O mundo sensível manifesta o mundo das Formas materializando as formas abstratas, porém, sempre por cópias imperfeitas. É nessa dualidade existente, nessa distinção entre a realidade sensível e a realidade inteligível, que está a fonte do platonismo. Dada essa centralidade do platonismo e, sabendo que o mundo sensível – a caverna – é o nosso corpo que, através dos sentidos, nos ilude apresentando em primeiro plano a exterioridade das coisas –

aparência – faço a seguinte questão: Poderíamos saber o que é, ou ainda, onde se localiza o mundo das Formas? Dirijamo-nos a Platão. Em Fedro ele nos diz:

É nesse lugar que as almas experimentam a alegria suprema, pois as almas a que chamamos imortais, uma vez que atingiram o zénite, são tomadas de um movimento circular e podem contemplar as realidades que se encontram sob a abóbada celeste. Nenhum poeta compôs ainda um hino em louvor desta região supra-celeste, e jamais haverá algum que possa compor um hino digno do tema. Mas vejamos como ela é, pois, se há um ensejo de dizer a verdade esse é, mais do que nunca, aquele em que falamos da própria Verdade. Pois bem: a realidade que realmente não tem cor, nem rosto, e se mantém intangível; aquela cuja visão só é proporcionada ao condutor da alma pelo intelecto; aquela que é património do verdadeiro saber, é dessa Verdade que ocupa efetivamente aquele lugar. Daqui se infere que o pensamento de um deus se alimenta de inteligência e de sabedoria puras, assim como o pensamento de todas as almas que se dedicam à procura do alimento que mais lhes convém quando, no decorrer do tempo, puderam aperceber-se da realidade, é nesse lugar que as almas encontram a possibilidade da contemplação das realidades verdadeiras (a qual é uma alimentação benfazeja), até que o movimento circular as faz retornar ao mesmo ponto. Enquanto este movimento dura, a alma pode contemplar a Justiça em si mesma, bem como a Ciência, pois ela tem na sua frente, sob os seus olhos, um saber que nada tem a ver com este que conhecemos, sujeito às modificações futuras, que se mantém sempre diversificado na diversidade dos objetos aos quais se aplica e aos quais, nesta existência, damos o nome de Seres. Ela é verdadeiramente a Ciência que tem por objeto o Ser dos seres. Depois de ter contemplado as essências das coisas, uma vez saciada no conhecimento, a alma regressa ao interior do céu e aí repousa (PLATÃO, 2000, p. 61-62).

Como se depreende desse texto de Platão, Sócrates concebe o mundo das ideias como transcendente ao mundo sensorial. Ora, esse mundo das ideias é a substância mesma da verdade, da vida, da realidade. Mas, para ficarmos atentos, ainda vejamos o que diz Sócrates em seu discurso:

Seja qual for a questão sobre a qual tenhamos de deliberar, torna-se necessário conhecer aquilo sobre que vai deliberar-se, meu rapaz, pois de outro modo, forçosamente nos enganaremos. Ora, uma das coisas que escapa à maioria dos homens é a coisa na sua essência e, como julgam conhecê-la, jamais chegam a encontrar um ponto de acordo para iniciarem uma pesquisa qualquer e, à medida que avançam nessa pesquisa, colhem o devido castigo, pois nem chegam a concordar com eles mesmos, nem com as outras pessoas (PLATÃO, 2000, p. 38).

Em razão do objetivo deste meu trabalho deixei escapar, deliberadamente, conceitos e discussões que permitiriam trazer à luz, aqui, um conhecimento mais

substancial de tema tão interessante. Mas, sigamos adiante, considerando nossa meta.

Vimos que o platonismo tem uma visão dualista do mundo, identificando um mundo das Formas perfeitas acima do céu – o suprassensível – mundo verdadeiro. Em contraposição ele distingue, embaixo, um mundo onde tudo o que nele há é uma cópia imperfeita das coisas lá de cima – o mundo sensível. Mas Nietzsche vai admitir a necessidade de inversão nesse dualismo. Aliás, mais que isso:

O título “como o ‘mundo verdadeiro’ finalmente se tornou fábula” diz que aqui deve ser apresentada a história em cujo transcurso o suprassensível estabelecido por Platão como o verdadeiramente ente não é apenas deposto do nível hierárquico superior e colocado no inferior, mas mergulha mesmo na irrealidade e na nulidade (HEIDEGGER, 2010, p. 180).

Na verdade, o movimento que Nietzsche faz em seguida, determina “um giro para fora desse platonismo” (HEIDEGGER, 2010, p. 181).

Nietzsche vê o irromper de um novo dia. A razão, o que significa aqui o conhecimento e o questionamento humanos, desperta para si mesma [...] “o mundo verdadeiro – uma ideia que já não serve mais para nada, que não obriga mesmo a mais nada – uma ideia que se tornou inútil, supérflua; *consequentemente*, uma ideia refutada: suprimamo-la!” (HEIDEGGER, 2010, p. 184).

Superar o platonismo significa para o filósofo alemão, superar o niilismo. Voltemos em Heidegger, em algumas páginas anteriores:

Ora, mas o que significa dizer: o sensível se encontra acima? Ele é o verdadeiro, o propriamente ente. Se tomamos a inversão apenas da maneira supracitada, então são mantidos como que os lugares vazios do acima e do embaixo, e eles não são senão ocupados de maneira diversa. Mas, na medida em que esse acima e esse embaixo determinam a estrutura do edifício do platonismo, ele continua subsistindo em sua essência. A inversão não consegue empreender o que ela precisa empreender como superação do niilismo: uma superação do platonismo desde o seu fundamento próprio. Isso só acontece quando o lugar acima é efetivamente afastado como tal, quando o estabelecimento prévio de um verdadeiro e desejável não se dá mais, quando o mundo verdadeiro – no sentido de um ideal – é suprimido. O que acontece quando o mundo verdadeiro é suprimido? Neste caso, não resta senão o mundo aparente? Não. Pois o mundo aparente só pode ser o que ele é como a parte contrária do mundo verdadeiro. Se esse mundo

desaparece, então o mundo aparente também precisa desaparecer. Somente então o platonismo é superado, isto é, invertido de tal modo que o pensamento filosófico se volta para fora dele (HEIDEGGER, 2010, p. 179).

O escritor de Sils-Maria na verdade vê o cristianismo como um platonismo, e não deixaria passar a oportunidade de voltar-se inflexível para encarar o cristianismo com o fito de endereçar-lhe uma crítica firme e consistente, desde a raiz no niilismo europeu que, com a “morte de Deus”, trouxe a desesperança de uma vida sem sentido.

Aliás, para Jesus, sábio é o homem que compreendeu o valor incalculável de renunciar a vida presente. Ele pergunta: “De que adiantará uma pessoa ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará uma pessoa em troca de sua alma?”. Antes afirma Jesus: “Pois quem quiser salvar a sua vida a perderá; e quem perder a sua vida por minha causa, esse a achará” (BÍBLIA, 2020, p. 18) Ora, a ordem é que não se favoreça a vida presente, mas desde já, que se espere pela vida vindoura, ou, em outras palavras, não se deve juntar tesouros na terra; longe disso, cabe-nos juntar tesouros no céu. Isso significa que se deve renunciar à vida que conhecemos, ou ao menos, supomos conhecer, no corpo físico, palpável, sensorial, em troca de uma promessa de uma vida superior, transcendente, metafísica.

Mas Nietzsche identifica “no cristianismo uma sintomatologia da fraqueza e da impotência. O cristianismo resume o discurso de reação dos fracos para questionar o poder dos fortes e o vigor da vida” (PENZO, 1981, p. 58). Trata-se de um ressentimento justaposto, imbricado a ponto de afetar tudo o que se vincula ao homem em suas relações. Naturalmente os fracos ressentidos se juntam e se insurgem ante o vigor dos fortes. Podemos imaginar o combate no ecoar poético das palavras de Zaratustra:

Ai de mim! Para onde foi o tempo? Não caí em poços profundos? O mundo dorme – Ah! Ah! O cão uiva, a lua brilha. Prefiro morrer, morrer, a dizer-vos o que pensa, neste momento, o meu coração de meia-noite. Agora, já morri. Tudo acabou. Por que teces teias a meu redor, aranha? Queres sangue? Ah! Ah! Cai o rocío, a hora se aproxima – A hora que me regela e me faz tiritar, que pergunta e continua a perguntar: “Quem tem coração suficiente para isso? – Quem deve ser o senhor da terra? Quem quer dizer: é *assim* que deveis fluir, ó rios grandes e pequenos!” A hora se aproxima; ó homem superior, presta atenção! este discurso é para ouvidos finos, para os teus ouvidos: *que diz a meia-noite em seu bordão?* (NIETZSCHE, 1995, p.320).

Nietzsche não poupou o cristianismo e a ele dirigiu críticas ácidas. O filósofo também se voltou a outras religiões, mas foi para o cristianismo que concentrou sua investida crítica mais dura.

Essa crítica visa a negação radical e a destruição, como se pode entrever do epílogo do *Anticristo*, classificando ainda o cristianismo de “a grande praga, a grande podridão intrínseca, o grande intérprete da vingança contra o qual nada se apresenta de tão venenoso, insidioso, traiçoeiro, marginal, mesquinho”. Por fim chama o cristianismo de “a grande mancha negra da humanidade”. No mesmo tom radical soa a pergunta com a qual o “homem louco” termina a proclamação da morte de Deus: “Que são ainda essas igrejas senão covas e sepulcros de Deus?” (PENZO, 1981, p. 76).

Ainda n’O *Anticristo*, Nietzsche segue disparando suas palavras cortantes:

No cristianismo, nem a moral nem a religião têm qualquer ponto em comum com a realidade. Nada além de causas imaginárias (“Deus”, “alma”, “eu”, “espírito”, a “vontade livre” – ou até mesmo a “vontade não livre”); nada além de *efeitos* imaginários (“pecado”, “redenção”, “graça”, “punição”, “remissão de pecados”). Um intercurso entre seres imaginários (“Deus”, “espíritos”, “almas”): uma ciência da natureza imaginária (antropocêntrica; ausência completa da noção de causas naturais); uma *psicologia* imaginária (nada além dos mal-entendidos sobre si, das interpretações de sentimentos gerais agradáveis ou desagradáveis, por exemplo, os estados dos *nervus sympathicus*, por meio da semiótica da idiossincrasia religiosa e moral – “arrependimento”, “remorso”, “tentação do maligno”, “a proximidade de Deus”); uma teleologia imaginária (“o reino de Deus”, “o juízo final”, a “vida eterna”). – Esse *universo* de pura *ficção* se distingue com total desvantagem daquele dos sonhos, no fato de que este *reflete* a realidade, enquanto que *aquele* falsifica, desvaloriza e nega a realidade (NIETZSCHE, 2008c, p. 39).

Para finalizar, seguirei citando pontualmente uma frase de livros diferentes, apenas para mostrar que foi um tema a que o filósofo dedicou sua atenção em razão do rumo que desejava dar ao seu pensamento e às razões da sua filosofia mesma de afirmação da vontade de poder, da busca por forças que pudessem suprir os valores supremos da humanidade de tal modo que esses valores supremos pudessem garantir o domínio dos valores da decadência e também dos valores niilistas. É nessa direção que Nietzsche desejava firmar sua filosofia (NIETZSCHE, 2008c, p. 23).

Em *Além do bem e do mal*, lemos: “A fé cristã é, desde seus primórdios, sacrifício: sacrifício de toda independência, de toda altivez, de toda liberdade de espírito, ao mesmo tempo escravidão, auto humilhação, automutilação (NIETZSCHE, 2008b, p. 62). Essa obra de Nietzsche, depois de *O Anticristo* é sem dúvida a mais

cortante na crítica ao cristianismo e, para além da crítica, esta obra define conceitos (nela o autor faz o confronto entre a moral do senhor e a moral do escravo). A obra é didática, mais densa, muito bem escrita e traz um capítulo inteiro de máximas

Em sua genealogia – *A genealogia da moral* – a pena do autor não descansa sobre o papel, e continua demarcando contornos claramente determinados.

Esse Jesus de Nazaré, evangelho do amor encarnado, esse "redentor" que traz a bem-aventurança e a vitória aos pobres, aos enfermos, aos pecadores – ele não era a sedução sob sua forma mais inquietante e irresistível, a sedução e o desvio que haveriam de conduzir justamente a esses valores e a essas inovações *judias* do ideal? Israel, ao ferir o salvador, seu aparente adversário, não atingiu o objetivo derradeiro de sua sede sublime de vingança? Não traz oculta em si a magia negra de uma autentica política grandiosa da vingança, da vingança que vê longe, subterrânea, que progride lentamente e que calcula por antecipação, o fato que Israel teve de negar defronte do mundo e pôr na cruz o verdadeiro instrumento de sua vingança, como se esse instrumento fosse seu inimigo mortal, a fim de que o mundo todo, isto é, os inimigos de Israel tivessem menos escrúpulos em morder a isca mais funesta e perigosa? Todo o refinamento do espírito poderia conceber, além disso, de maneira mais genérica uma isca mais perigosa ainda? Alguma coisa que se igualasse em força sedutora, inebriante, apetitosa, corruptora que esse símbolo da "santa cruz", esse horrível paradoxo de um "Deus crucificado", esse mistério de uma crueldade inconcebível, última, extrema e de uma autocrucificação de Deus *pela salvação do homem*?... Ao menos uma coisa é certa, que, *sub hoc signo* (sob este sinal), Israel, com sua vingança e inversão de todos os valores, não cessou de triunfar até o dia de hoje sobre todos os outros ideais, sobre todos os ideais *mais nobres*. (NIETZSCHE, 2008a, p. 33).

Nesta citação de *Crepúsculo dos ídolos* o filósofo alemão expõe as bases frágeis do cristianismo e mostra uma certa petulância desse sistema.

O cristianismo é um sistema, um conjunto de ideias e de opiniões sobre as coisas. Se se extrai dele um conceito essencial, a crença em Deus, destrói-se ao mesmo tempo o todo: não se consegue conservar mais nada de necessário entre os dedos. O cristianismo admite que o homem não sabe, não possa saber o que é bom, o que é mau para ele: crê em Deus, que só ele o sabe. A moral cristã é um mandamento; sua origem é transcendente; está além de toda crítica, de todo direito à crítica; não encerra senão a verdade, admitindo que Deus seja a verdade – existe e cai com a fé em Deus (NIETZSCHE, 2008d, p. 67).

Em *Vontade de potência* o autor faz um giro questionando os valores epistemológicos, vai tecer críticas à filosofia grega, falar dos sentimentos, da moral

religiosa, sobre o homem bom, etc. Enfim, nesta obra Nietzsche faz um voo panorâmico sobre a paisagem que é palco do devir. Segue sua crítica ao cristianismo:

O cristão, por exemplo, detesta o pecado! - e quanta coisa não chama ele de pecado? É precisamente por esta crença numa oposição moral entre o bem e o mal que o mundo está para ele cheio de coisas odiáveis a que cumpre combater eternamente. "O homem bom" vê-se como cercado pelo mal, sem cessar atacado pelo mal, aguça sua vista e acaba por descobrir traços do mal em tudo o que faz; e é assim que termina, como é lógico, por considerar a natureza como má, o homem como corrompido, a bondade como um estado de graça (quer dizer, por humanamente impossível). Em resumo: nega a vida, concebe de que modo o bem, como valor superior, condena a vida... (NIETZSCHE, 2008e, p. 213).

Em tom de lamento, Zaratustra, um pouco irônico, anuncia a morte prematura de um conhecido e venerado hebreu,

Na verdade, cedo demais morreu aquele hebreu venerado por todos os pregadores da morte lenta; e foi fatal, desde então, para muitos, que morresse cedo demais. Ainda não conhecia senão as lágrimas e a tristeza dos hebreus, juntamente com o ódio dos bons e dos justos, o hebreu Jesus; assaltou-o, então, o anseio da morte. Tivesse permanecido no deserto e longe dos bons e dos justos! Talvez aprendesse a viver e aprendesse a amar a terra e a amar, também, o riso! Acreditai-me, meus irmãos! Morreu cedo demais: abjuraria ele mesmo a sua doutrina, se tivesse chegado à minha idade! Nobre bastante, era ele, para fazê-lo (NIETZSCHE, 1995, p. 87).

CONCLUSÃO

No Zaratustra brota, à semelhança de uma força da Natureza, o espírito de empreendimento mais audacioso, o espírito da vida que experimenta, esse espírito que atravessou como uma corrente subterrânea (...), que, adulterando e dissociando toda a atitude científica, se propagou como um frêmito na personagem do “Espírito Livre” (...). Devolver à existência a sua independência, a sua indeterminação e, por conseguinte, o seu caráter de empreendimento audacioso; rejeitar os pesos opressivos que são Deus, a Moral e o Além, que do exterior determinam o homem, o limitam e o conduzem em andadeiras; obter para a liberdade humana um novo espaço onde ela se possa instalar num quadro totalmente novo e empenhar-se em novas tentativas vitais (...) (FINK, 1998, p. 65-66, apud BRITO, 2016, p. 287).

Nietzsche foi buscar o nome do personagem central do seu livro, *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*, em Zoroastro, um persa que foi o criador do Masdeísmo, uma religião ética que, segundo o próprio Nietzsche, em sua obra *Ecce Homo*, iniciou esse modo – hoje convencional – de considerar que existe uma permanente batalha entre o bem e o mal.

Para além do filósofo que é, Nietzsche provoca, combate, fascina, articula as palavras com uma técnica peculiar, persuasiva, variando estilos numa escrita que transmite ideias aqui mais obscuras, ali lançando luz que desafiam olhos de ver, ou ainda, mostrando que cabe interrogar lugares-comuns consolidados como verdades inquestionáveis. Mas o filósofo alemão é atraente porque reúne uma mistura “de anarquismo, de profetismo e de estética, feita para seduzir aqueles que já não se reconhecem na sociedade, nos seus fins, na sua cultura e sobretudo na sua cultura religiosa” (PENZO, 1981, p. 3).

O autor quer, com sua obra, causar um movimento, não qualquer desses que sopram em pequenos círculos e apenas conseguem arejar um ambiente previamente definido e de proporções limitadas, programado para ser breve e sem maiores consequências, bem ao gosto dos que esculpem os ídolos, mas daqueles que produzem um tufão colocando tudo de ponta cabeça, quiçá capaz de arrancar pela raiz o que parecia configurado para o lugar onde estiveram desde sempre. A missão do filósofo exigia a sua determinação em realizar a tarefa de mexer com as estruturas de um sistema que parecia funcionar *ad aeternum* com as engrenagens e peças que

sempre foram vistas engastadas da forma como se encontravam até então. Diria o “profeta do homem novo, destinado a dominar a terra” (NIETZSCHE, 1995, p. 7):

Conheço minha sina. Algum dia, meu nome estará ligado a qualquer coisa enorme – a uma crise como nunca houve na terra, ao mais profundo conflito de consciência, a uma decisão invocada contra tudo aquilo que, até aqui, se acreditou, se estimulou, se santificou. Eu não sou um ser humano, sou dinamite (NIETZSCHE, 1995, p. 5).

Permita-me – exercendo a capacidade de imaginação a nosso dispor – ver o filósofo reflexivo ou tomado de agitação em seu momento criador, no ápice da sua decisão de qual nome daria ao principal personagem da sua obra de maior relevo. É sabido que algum tempo atrás Nietzsche conhecera o livro *Simbólica e Mitologia dos Povos Antigos*, de Friedrich Creuzer, no qual havia uma referência do Zend-Avesta, “livro sagrado da religião de Zoroastro, o persa religioso” (BRITO, 2016, p. 284). Seguindo sua vocação provocadora, de quem naturalmente “faz brotar em nós pensamentos implícitos” (PENZO, 1981, p. 3), Nietzsche crava o nome: Zaratustra.

Zaratustra foi o inventor da moral e o maior refutador da ordem moral universal e deve ser o primeiro a reconhecê-lo. Mostrando-se como a antítese da negatividade, é um contra modelo do moralista. A escolha do nome do Zaratustra de Nietzsche implica, especialmente, uma provocação, com o intento de desfazer a ideia do persa Zoroastro sobre a distinção entre bem e mal (BRITO, 2016, p. 284).

Recordemos mais uma vez que Zaratustra deixou sua terra natal destinado a ir para a montanha com o intuito de gozar da solidão. Por dez anos assim viveu e isso causou-lhe mudança em seu íntimo. Solitário viveu por esses anos e sozinho desceu da montanha. Na primeira cidade que chegou levantou sua voz para levar sua mensagem ao povo. E assim falou Zaratustra ensinando sobre o homem a ser superado e o último homem como ponte para o além-do-homem. Nietzsche ilustra esses estágios quando mostra que Zaratustra foi interrompido pela multidão que clamava: “Transforma-nos nesses últimos homens! E nós te damos de presente o super-homem!” (NIETZSCHE, 1995, p. 35).

Zaratustra pôs-se a caminho, de cidade em cidade sendo amado e odiado, ensinando e abordando uma miscelânea de temas conforme o povo o questionava, ou quando se determinava a falar de um assunto. Assim ele falou de diversos temas

importantes da filosofia de Nietzsche como vontade de poder, devir, niilismo, morte de Deus, eversão de todos os valores, eterno retorno do mesmo, como aqui se apontou.

Mas quero sublinhar o tema “amor” como linha que se estende ao longo do texto de *Assim Falou Zaratustra*, de modo a nos causar a impressão de que objetiva alinhar os temas filosóficos e os diversos assuntos em cada capítulo da obra, tema que, aliás é o escopo deste meu trabalho.

O amor é a linha mestra que orienta Zaratustra. Ele “ama seu destino sem receio ou medo, busca a superação e a transformação (BRITO, 2016, p. 286). É possível se pensar no destino como um caminho, ou uma construção? Se é dessa maneira podemos aceitar que o destino é construído pelo movimento da vida: o devir. Ora, a vida procura sempre estar cheia de mais vida. “A vida quer sempre mais viver” e desse modo a vida transcende ao mesmo tempo em que se eleva. Há um querer que se estende, expande, intensifica, incrementa, em resumo: empenha-se no sentido de se potencializar cada vez mais. É o que se chama de vontade de poder (FERNANDES, 2008, p. 22).

A vida assim se manifesta sempre mais viva, por meio da afeição, do encantamento que acolhe e quer mais vida. É desse amor que Zaratustra tanto fala e torna-se vontade recorrente. É nele que o filósofo mira como fio que deve tecer sua obra.

Faz-me lembrar uma frase popular de Nietzsche que está em seu livro *Além do bem e do mal*: “Aquilo que se faz por amor está sempre além do bem e do mal”, sublinhando-se que nesta frase o filósofo alemão “confronta Zoroastro sobre a distinção entre bem e mal” e o faz empunhando a bandeira do amor.

Tomemos ainda, para reflexão, um poema em *Zaratustra* que faz referência ao amor:

Ah! Ah! E me torturas, parvo que és, martirizas meu orgulho? Dá-me *amor* – quem ainda me aquece? Quem ainda me ama? Dá-me mãos quentes, dá-me braseiros do coração, dá-me, a mim, tão solitário, que o gelo, o setúplice gelo, até por inimigos, por inimigos me ensina a suspirar, dá, entrega, Ó o mais cruel dos inimigos, entrega-te *tu* a mim! (NIETZSCHE, 1995, p. 257).

O amor que perpassa as páginas de *Zarathustra* tem esse poder de oferecer “mãos quentes”, de ofertar “braseiros do coração”. É o amor que aquece enquanto eleva a vida, que faz a vida continuamente transcender e se potencializar mais, e mais, e mais... sempre mais!

O tipo Zarathustra é nascido da abundância, tudo da vida não pode ser dispensável. Sem receio ou culpa dos ressentidos encaminha-se pelo excesso, longe da perspectiva dos compassivos, ele é um tipo afirmativo, o seu *Sim* à vida se põe diante dos problemas mais estranhos e controversos, pois a sua vontade de criação e superação é mais forte do que se possa imaginar (BRITO, 2016, p. 286-287).

Ora, o amor – qual fio a urdir o tecido da filosofia que o autor quer ensinar por meio do personagem central Zarathustra – é vontade de poder.

Ah, solene!

Realmente solene!

Um digno começo! (NIETZSCHE, 1995, p. 306).

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. **Novo Testamento, Salmos e Provérbios**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 3ª Edição. Campinas - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2020.

BRITO, Maria dos Remédios. **Quem é o Zaratustra de Nietzsche?** – Zaratustra como Educador. Piracicaba: Comunicações, 2016.

COLTRO, Raquel Evelin Gonçalves. **Moral cristã para Nietzsche. Filosofia do Direito II**. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/publicacao/uninove/livro.php?gt=140>. Acesso em 18 jul. 2023.

CORDEIRO, Robson Costa (Org). **Kierkegaard, Nietzsche e Heidegger: O Pensamento Contemporâneo e a Crítica à Metafísica**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.

FERNANDES, Marcos Aurélio. **Heidegger e o impasse do niilismo de Nietzsche**. Revista Dialectus. Brasília: [s.n], 2023.

_____. **Nietzsche (1844-1900) e a questão dos valores**. Brasília. [entre 2008 e 2020]. 42 p.

HARADA, Hermógenes. **Nietzsche e a crítica da razão ocidental**. Fraternidade Franciscana São Boaventura, 2021. Disponível em: <https://franciscanos.org.br/rondinha/acerca-da-questao-do-sentido-do-ser-anotacoes/#gsc.tab=0>. Acesso em: 18 jul. 2023.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**; tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback – 8. Ed. – Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

_____. **Nietzsche I**; tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **Nietzsche II**; tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

LAURET, Bernard. **Nietzsche e o cristianismo**. São Paulo: Vozes. 1981. p. 113-123.

MATILDE, Braian Sanches. **Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche**, vol. 6, nº 2, Rio de Janeiro, UFRJ, 2013.

MEDEIROS, Thiago de Oliveira. **Nietzsche: um riso filosófico para além do bem e do mal. Trabalho de Dissertação**. Orientador: Robson Costa Cordeiro, UFPB. João Pessoa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/13174/1/Arquivototal.pdf>. Acesso em 20 jul. 2023.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**, tradução de Mario da Silva. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. **A Genealogia da Moral**, tradução de Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2008a.

_____. **Além do Bem e do Mal – Prelúdio de uma filosofia do futuro**, tradução de Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2008b.

_____. **O Anticristo**, tradução de Antonio Carlos Braga. 2. ed. São Paulo: Escala, 2008c.

_____. **Crepúsculo dos Ídolos – Ou de como Filosofar a Marteladas**, tradução de Antonio Carlos Braga. 2. ed. São Paulo: Escala, 2008d.

_____. **Vontade de Potência – Parte 2**, tradução de Mário D. Ferreira Santos. 2. ed. São Paulo: Escala, 2008e.

OLIVEIRA, Eduardo Marcos Silva de. **Übermensch: a interpretação nietzschiana de ultrapassamento**. Religare: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências

das Religiões da UFPB, v. 15 n. 1 (2018): Educação e Religião, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/issue/view/2242>. Acesso em: 18 jul. 2023.

PENZO, Giorgio et al. **Nietzsche e o cristianismo**. São Paulo: Vozes. 1981.

PLATÃO. **Fedro ou da beleza**. Tradução: Pinharanda Gomes. 6ª edição. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

SOUZA, Marcus José Alves de. **Zaratustra de Nietzsche como experimento de linguagem** – limites entre filosofia e literatura. Ano II, número 1, jan-jun. 2009.